

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Elizabete Rebeca Rios Cunha

TEXTURAS E TRAVESSIAS: vestígios de uma mulher em movimento

GOIÁS
2026



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Elizabete Rebeca Rios Cunha

Matrícula: 20221100080027

Título do Trabalho: Texturas e travessias: vestígios de umas mulher em movimento

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

____Goiânia_____, 15/10/2026____.
Local Data



Documento assinado digitalmente
ELIZABETE REBECA RIOS CUNHA
Data: 15/10/2026 16:56:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS**

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Elizabete Rebeca Rios Cunha

TEXTURAS E TRAVESSIAS: vestígios de uma mulher em movimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus Cidade de Goiás, como requisito para obtenção da licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Lula Macedo

GOIÁS-GO

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

808.06692

C972t Cunha, Elisabete Rebeca Rios.

Texturas e Travessias: vestígios de uma mulher em movimento / Elisabete Rebeca Rios Cunha ; orientadora, Fabiana Lula Macedo – Cidade de Goiás, 2026.

134 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas Acadêmicas, Licenciatura em Artes Visuais.

1. Artes visuais. 2. Migração. 3. Memória. 4. Autobiografia. I. Macedo, Fabiana Lula, orientadora. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. III. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

Termo de Aprovação

ELISABETE REBECA RIOS CUNHA

TEXTURAS E TRAVESSIAS: vestígios de uma mulher em movimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Monografia defendida e aprovada, em 30 de junho de 2026, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fabiana Lula Macedo

Presidente da banca / Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Profa. Ma. Flora Alves Ruiz

Membro Interno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Profa. Ma. Renata Tavares de Brito Falleti

Membro Interno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Profa. Dra. Naira Rosana Dias da Silva

Membro Interno Suplente

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

GOIÁS – GO

2026

Documento assinado eletronicamente por:

- **Flora Alves Ruiz, COORDENADOR(A) DE CURSO - FUC1 - GOI-CCQSE**, em 30/06/2026 21:44:31.
- **Renata Tavares de Brito Falleti, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 30/06/2026 21:42:56.
- **Fabiana Lula Macedo, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 30/06/2026 21:41:32.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 30/06/2026. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 794843

Código de Autenticação: c7c18439f7



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, S/N, Centro, GOIAS / GO, CEP 76600-000
(62) 3442-0212 (ramal: 0212)

Nunca fui de ter inveja, mas de uns tempos pra cá tenho tido.
As mãos dadas dos amantes têm me tirado o sono.
Ontem, desejei com toda força ser a moça do supermercado.
Aquele que fala do namorado com tanta ternura.
Mesmo das brigas ando tendo inveja.
Meu vizinho gritando com a mulher, na casa cheia de crianças,
Sempre querendo, querendo.
Me disseram que solidão é sina e é pra sempre.
Confesso que gosto do espaço que é ser sozinho.
Essa extensão, largura, páramo, planura, planície, região.
No entanto, a soma das horas acorda sempre a lembrança
Do hálito quente do outro. A voz, o viço.
Hoje andei como louca, quis gritar com a solidão,
Expulsar de mim essa Nossa Senhora ciumenta.
Madona sedenta de versos. Mas tive medo.
Medo de que ao sair levasse a imensidão onde me deito.
Ausência de espelhos que dissolve a falta, a fraqueza, a preguiça.
E me faz vento, pedra, desembocadura, abotoadura e silêncio.
Tive medo de perder o estado de verso e vácuo,
Onde tudo é grave e único. E me mantive quieta e muda.
E mais do que nunca tive inveja.
Invejei quem tem vida reta, quem não é poeta
Nem pensa nessas coisas. Quem simplesmente ama e é amado.
E lê jornal domingo. Come pudim de leite e doce de abóbora.
A mulher que engravida porque gosta de criança.
Pra mim tudo encerra a gravidade prolixa das palavras: madrugada,
mãe, ônibus, olhos, desabrocham em camadas de sentido.
E ressoam como gongos ou sinos de igreja em meus ouvidos.
Escorro entre palavras, como quem navega um barco sem remo.
Um fluxo de líquidos. Um côncavo silêncio.
Clarice diz que sua função é cuidar do mundo.
E eu, que não sou Clarice nem nada, fui mal forjada,
Não tenho bons modos nem berço.
Que escrevo num tempo onde tudo já foi falado, cantado, escrito.
O que o silêncio pode me dizer que já não tenha sido dito?
Eu, cuja única função é lavar palavra suja,
Neste fim de século sem certezas?
Eu quero que a solidão me esqueça.

Agradecimentos

Quero agradecer, antes de tudo, à minha mãe, por me incentivar a estudar e por acreditar em mim, grande parte desta conquista também pertence a ela, pois acredito que sou sua porta-voz e devo minha caminhada à essa mulher chamada Regina Cinara.

Agradeço fortemente ao IFG, espaço que me acolheu, me emaranhou e mudou minha vida. Foi nesse lugar que tive acesso a uma educação pública de qualidade, encontrei lampejos que pareciam distantes e esbarrei nos destinos de novas alvoradas.

Por artes do destino, encontrei professoras que me apoiaram muito, por isso agradeço: Flora, Renata, Fabiana, Rose, Ádria e todas as professoras que fizeram parte do meu ensino. Cada uma, de um jeito singular, deixou pérolas que seguem comigo em novas fases.

Sou igualmente grata às pessoas com quem compartilhei os dias, as noites, os carinhos em caramelos, as conversas de corredor, os poemas de parede, as descobertas e os desafios da graduação.

Às amigas e aos amigos, fica aqui o meu sincero obrigado. Construí uma base linda com vocês, entendi que o amor pode ser calmo e que ninguém chega a lugar nenhum sozinho.

Por fim, agradeço às mulheres que compartilharam a vida comigo. Professoras, artistas, pesquisadoras, colegas, amigas e tantas outras que, pela essência de cada uma, me deram estofo para sonhar alto e maturidade para prosseguir.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um retorno às imagens, lugares, pessoas e acontecimentos que marcaram minha vida. A partir de fotografias, desenhos, pinturas, poemas e recordações, revisito diferentes momentos de minha história, desde a infância até a graduação em Artes Visuais, refletindo sobre os deslocamentos, afetos e inquietações que passaram a habitar minha produção artística. Ao percorrer cidades, relações e processos criativos, discuto temas como migração, feminismo, pertencimento, identidade racial e arte-educação, estabelecendo diálogo com autoras e autores que contribuíram para ampliar meu olhar sobre essas questões. Nesse movimento, a personagem Mufina emerge como uma presença recorrente, reunindo memórias, fantasias, ausências e desejos que atravessam meu trabalho. Mais do que reconstruir acontecimentos passados, este estudo procura observar como diferentes circunstâncias contribuíram para o surgimento da artista, da arte-educadora e da mulher que sou hoje. Ao final, a arte e a educação aparecem não apenas como campos de atuação profissional, mas como formas de elaborar a vida, produzir sentidos e imaginar outros caminhos possíveis.

Palavras-chave: Artes Visuais; migração; memória; arte-educação; autobiografia.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis, developed within the Visual Arts Teacher Education Program, presents a return to the images, places, people and events that have shaped my life. Through photographs, drawings, paintings, poems and personal memories, I revisit different moments of my history, from childhood to my undergraduate studies in Visual Arts, reflecting on the displacements, affections and concerns that have become part of my artistic practice. Throughout this journey, themes such as migration, feminism, belonging, racial identity and art education are discussed in dialogue with authors whose works contributed to broadening my understanding of these issues. In this context, the character Mufina emerges as a recurring presence, bringing together memories, fantasies, absences and desires that permeate my work. More than reconstructing past events, this study seeks to observe how different circumstances contributed to the emergence of the artist, the art educator and the woman I have become. Finally, art and education are understood not only as professional fields, but also as ways of interpreting life, producing meaning and imagining other possible paths.

Keywords: autobiography; visual arts; migration; memory; art education; autobiography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Bordado	em	10
fotografia.....				
Figura 2	–	Objetos		12
atemporais.....				
Figura 3 – Ainda bebê no colo de sua mãe, aproximadamente em 2000.....				15
Figura 4 – Irmãos Marcos e Carlos, e prima Yasmin, na casa da avó, em Imperatriz (MA), aproximadamente em 2006.....				16
Figura 5 – Durante a infância, em Imperatriz (MA), aproximadamente em 2004.....				17
Figura 6 – Um dos poucos registros fotográficos remanescentes desse período.....				18
Figura 7 – Vitória e David durante comemoração de aniversário em Fortaleza (CE).....				20
Figura 8 – Mapa Migratório.....				21
Figura 9 – Arte em papel.....				23
Figura 10	–	Reunião do coletivo	Goiaba	24
Crew.....				
Figura 11 – Intervenção em grafite.....				25
Figura 12	–	Produção gráfica	desenvolvida pela	26
autora.....				
Figura 13 – Primeiro estudo da autora com letras em estilo bomb.....				27
Figura 14 – Estudos da personagem Mufina e de letras em estilo bomb.....				28
Figura 15 – Desenho identificado pela autora como uma das primeiras aparições da personagem Mufina em sua produção artística, realizado na Cidade de Goiás (GO) ...				29
Figura 16 – Produção visual em técnica de ilustração digital realizada pela autora.....				31
Figura 17 – Efêmera.....				32
Figura 18	–	Desenho em formato de história em		33
quadrinhos.....				
Figura 19 – Mural com a personagem Mufina, Cidade de Goiás (GO)				34
Figura 20	–	Pintura realizada pela autora em técnica		35
mista.....				
Figura 21 – Pintura realizada pela autora em técnica mista.....				35
Figura 22 – Desenho realizado pela autora com a utilização de tinta acrílica e lápis de cor.....				37
Figura 23	–	Intervenção	em	38
grafite.....				
Figura 24	–	Mural realizado pela autora em Fortaleza (CE)		39
.....				

Figura 25 – Mufina presente em intervenção artística realizada durante evento de ressignificação da história do Beco Quilombo Alto Santana, na Cidade de Goiás (GO)...	40
Figura 26 – Sarau Artemísticas, evento cultural organizado com recursos do Fundo Municipal de Cultura.....	41
Figura 27 – Recitação de poesia autoral realizada pela autora durante o Festival Elas Encantam, na Cidade de Goiás (GO)	42
Figura 28 – Recitação de poesia autoral realizada pela autora durante o Festival Elas Encantam, na Cidade de Goiás (GO)	43
Figura 29 – mural IFG.....	46
Figura 30 – Participantes reunidos durante a realização do mural <i>Mulheridades</i> , desenvolvido no âmbito do projeto Entre Cerrado.....	48
Figura 31 – Detalhe do mural <i>Mulheridades</i>	49
Figura 32 – Mural desenvolvido na Rua Padre Arnaldo, na Cidade de Goiás (GO).....	49
Figura 33 – Mural do projeto Arte Urbana para uma Educação Antirracista.....	50
Figura 34 – Estágio Curricular Supervisionado III – Câmpus Cidade de Goiás, durante atividade desenvolvida no contexto do estágio.....	51
Figura 35 – Fotografia de uma das turmas com a qual a autora desenvolveu atividades como bolsista do PIBID no Lyceu de Goyaz.....	52
Figura 36 – A autora e estudantes durante ação de grafite desenvolvida no âmbito do Fórum Infantil II, vinculada ao FICA e ao Estágio Curricular Supervisionado III.....	53
Figura 37 – Fórum Infantil II em parceria com o Estágio Curricular Supervisionado III em escola rural.....	54
Figura 38 – Buquê de flores.....	55
Figura 39 – Quer café? Toma um chá.....	57
Figura 40 – Mural da artista Ruth, conterrânea cearense, na Cidade de Goiás (GO).....	59
Figura 41 – Comemoração do aniversário de 26, celebrada junto a pessoas queridas no Corujão, na Cidade de Goiás (GO)	60
Figura 42 – Duas estudantes durante a produção de zines na Ciranda Viva do FICA... ..	61
Figura 43 – Vulnerabilidades.....	63
Figura 44 – Ema.....	65
Figura 45 – Personagens para pintura mural, em Brasília (DF)	66
Figura 46 – Grafite em estilo bomb na Cidade de Goiás (GO)	66

Figura 47 – Grafite em estilo bomb no IFG – Campus Cidade de Goiás.....	67
Figura 48 – Pintura utilizando aquarela e experimentação têxtil.....	68
Figura 49 – Primeira obra da série <i>O Caminho das Águas</i> , em tinta acrílica sobre tela...	69
Figura 50 – Segunda obra da série <i>O Caminho das Águas</i> , em tinta acrílica sobre tela...	70
Figura 51 – Terceira obra da série <i>O Caminho das Águas</i> , em tinta acrílica sobre tela....	71
Figura 52 – Mural IFG.....	72
Figura 53 – Intervenção em grafite na Biboca, na Cidade de Goiás (GO)	73
Figura 54 – Grafite em estilo bomb no Beco Quilombo Alto Santana, na Cidade de Goiás (GO)	74
Figura 55 – Produção de mural da artista Junger Thai, com participação da autora como assistente na execução da obra.....	76
Figura 56 – Produção de um mural no IFG – Campus Cidade de Goiás.....	77
Figura 57 – Realização da oficina vinculada ao mural <i>Mulheridades</i>	78
Figura 58 – Preparação e realização da oficina vinculada ao mural <i>Mulheridades</i>	79
Figura 59 – Seminário Estágio III	80
Figura 60 – Eu, Yo e Isis em Goiânia (GO)	81
Figura 61 – Carta escrita por Yohana e Ísis.....	82
Figura 62 – Eu na Praça do Coreto, na Cidade de Goiás (GO), durante o período da pandemia e nos primeiros meses de chegada à cidade.....	83
Figura 63 – Viagem técnica de estudos à Brasília.....	85
Figura 64 – Roteiro de Semestre.....	86
Figura 65 – Atividade de observação de objetos desenvolvida na disciplina de Desenho	87
Figura 66 – Trabalho de escultura.....	88
Figura 67 – Aula de História em Quadrinhos.....	89
Figura 68 – Atividade de artes.....	90
Figura 69 – Mural	91
Figura 70 – Eudaimonia e cansaço.....	92
Figura 71 – Atividades de zine.....	94
Figura 72 – Zine de um estudante.....	95
Figura 73 – Fotos da escola Alcide Jubé.....	96

Figura	74	–	Atividades	de	97
zine.....					
Figura	75	–	Fotos	dos	estudantes
Kayodê.....					Odé
Figura 76					99
– Fotos dos estudantes Cora Coralina.....					
Figura 77					100
– Fotos dos estudantes Cora Coralina.....					
Figura	78	–	Quadrinhos	feitos	por
2019.....					mim, em
					101

SUMÁRIO OU MAPA DE CAMINHO

INTRODUÇÃO.....	10
1. molhar os pés.....	10
1.1 até que as estrelas ocupem o céu.....	13
1.2 traços que unem.....	22
1.3 somos vidas subterrâneas, asas periféricas.....	31
1.4 vibramos linhas gastas num segundo eterno.....	46
1.5 voz artéria.....	50
1.6 toda mulher tem uma história de dor pra contar.....	55

1.7 sou uma casa sem endereço? uma carta dedicada? sou a mesma? em busca de um tesouro, com a mente no futuro e o coração no mundo.....	57
2. texturas, atmosferas, gostos, silhuetas, semblantes, mulher.....	63
2.1 em guerra com o mundo, pelo lugar que me pertence.....	65
2.2 leões que lutam.....	72
3. ô tia, fessora, pro, prof, fessora.....	80
3.1 nada seria por acaso.....	81
3.2 uma nova casa, um jardim internamente inédito.....	86
3.3 caminhos para andar.....	92
3.4 quando parei de olhar o relógio e passei a olhar rostos.....	95
3.5 uma deusa, uma louca, uma professora	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	105
APÊNDICES.....	106

INTRODUÇÃO

Figura 1 – Bordado em fotografia.



Fonte: bordado em fotografia, produzido pela autora (2026).

1. molhar os pés

Eu,

tantas vezes ausência,
tantas vezes desejo,
sem saber quem era,
seguí presente.

Entre rabiscos,
muros pintados
e casas deixadas para trás,

a vida me chama.

E eu respondo
com o afeto de quem sou.
Da forma que consigo.

Eu que tantas vezes quis viver
várias vidas em uma só.

Tive um medo antigo,
como se a loucura
soubesse meu nome.

Escondi princesas no armário.

Dormi abraçada à bruxa
que vivia debaixo da cama.

Tantas vezes no silêncio.
Tantas vezes sem me entender.

Carreguei poemas no bolso.

Eu, que tantas vezes desejei
tomar banho nua
e me roçar no tempo,

com o corpo distraído,
um sorriso diáfano,

sem dor,
sem dó.

Atravessei estradas.
Atravessei cidades.
Atravessei a mim mesma.

Sem moral.
Sem manual.
Sem garantias.

Um brinde elegante
a quem subiu as ladeiras desta cidade
e fez de si carnaval.

(Rebeca Rios - Implodindo - Mufina)

Figura 2 – Objetos atemporais



Fonte: objetos reunidos para fotografia, feita pela autora (2026).

Começo executando esse trabalho, citando um trecho de um texto aperfeiçoado para o Relatório de Estágio III, do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Ele representa algumas lembranças de quando era criança.

“Sinto saudades de quando o meu irmão mais velho ficava encarregado de cuidar da gente, eu fazia muita birra, dizia: ninguém manda em mim, e fechava o bico. Como caçula, me aproveitava da fama de pirraça, aprontava várias, vivia pelo quintal dos vizinhos, trazia para casa sacolas de caju, goiaba, seriguela e qualquer fruta que encontrasse.

Daí, descobri um abrigo nas árvores. Primeiro o pé de acerola que virou minha casa improvisada, tinha minha rede, uma mesa ensaiada e bancos que pegava emprestado da casa de minha avó. Parei pra pensar nisso esses dias. Decifrei o enigma: eu projetava casa em pés de árvores, porque eu nunca me senti em casa de verdade.

Nos meus sonhos de criança, eu arquitetava um casulo para guardar o mistério dos meus sonhos, que o medo tentava roubar todas as noites, enquanto contava as horas para que

chegasse o tempo em que o vento me devolvesse um céu sem tempestades, só com estrelas cadentes. Tenho saudades de ter tido uma infância, demorou um tempo, mas eu percebi que uma parte dessa vida foi roubada de mim. Por isso, tenho saudades.”

1.1 até que as estrelas ocupem o céu

Me chamo Rebeca, tenho vinte e seis anos. Nasci em 18 de novembro de 1999, em uma pequena cidade chamada Ulianópolis, no Pará. Apesar disso, me considero verdadeiramente uma cearense, pois ainda pequena fui morar em Fortaleza, cidade onde vivi até os meus dezenove anos. Atualmente, curso Licenciatura em Artes Visuais no estado de Goiás e estou no último semestre. Escrever este Trabalho de Conclusão de Curso é revisitar uma caminhada traçada pelas mudanças geográficas, pelos vínculos com a arte, pelos afetos colhidos e pelas incalculáveis tentativas de reconstrução pessoal.

Meu crescimento humano, artístico e político tem surgido como resultado de tudo que presenciei até aqui. Tais caminhos me nutriram como uma mulher curiosa, inquieta, obstinada e questionadora ou alguém que internalizou desde cedo a desconfiança dos mecanismos que tentavam determinar quais lugares eu poderia ocupar.

Em diversos momentos, pensei em desistir do percurso acadêmico, especialmente, quando percebi a ausência de acessos e recursos que garantissem o suporte necessário para eu seguir na graduação. Ainda assim, me agarrei ao pouco que tinha, e foi justamente esse pouco que me trouxe até aqui. Hoje, estar prestes a concluir o curso eleva uma densidade sentimental; sobretudo, por ser a primeira mulher da minha família a ingressar e finalizar o Ensino Superior.

Essa conquista também carrega marcas de violências e limitações que ressoaram na minha infância, adolescência e no início da vida adulta. Foi justamente diante desses contextos que comecei a perceber a importância dos estudos como possibilidade de construir meus próprios caminhos e transformar a minha realidade. Nesse sentido, Paulo Freire (1996, p. 53) afirma:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado.

Ao revisitar minha própria história, reconheço que fatores sociais, econômicos e culturais influenciaram minha vida de diferentes jeitos, mas não definiram por completo quem eu poderia me tornar. Minha passagem pela universidade fez parte dessa concepção, me permitindo questionar injustiças historicamente naturalizadas, distinguir relações de poder e refletir sobre os obstáculos que ainda dificultam o acesso de muitas mulheres à educação e a outros espaços de participação social. Da mesma forma, Conceição Evaristo (2020, p. 38) contribui para refletir sobre a escrita de si como uma prática que ultrapassa o âmbito individual. Ao discutir a Escrivência, a autora afirma:

Como pensar a Escrivência em sua autonomia e em sua relação com os modelos de escrita do eu, autoficção, escrita memorialística... Ouso crer e propor que, apesar de semelhanças com os tipos de escrita citadas, a Escrivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da Escrivência já demande outra leitura. Escrivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade (Evaristo, 2020, p. 38).

Com o passar do tempo, comecei a perceber que meu passado não dizia respeito apenas a mim, mas igualmente às mulheres que vieram antes de mim, especialmente minha mãe, uma mulher nortista de grande força, e tantas outras que tiveram seus horizontes limitados por relações patriarcais e desigualdades sociais. Essa consciência comprovou para mim a necessidade de romper ciclos históricos de silenciamento, medo e submissão que, durante muito tempo, buscaram aprisionar minhas possibilidades de ser.

Figura 3 – Ainda bebê no colo de sua mãe, aproximadamente em 2000



Fonte: Acervo pessoal da autora (2000).

Acima de tudo, entendo que meu corpo, minhas memórias e minhas subjetividades não dizem respeito apenas a mim, mas guardam fragmentos de questões sociais presentes há gerações no cenário social do país. Como dito anteriormente, cresci em Fortaleza, mas o Maranhão também me deixou marcas expressivas. Minha avó morava em Imperatriz e, ainda muito pequena, fui deixada sob os cuidados dela. Entre idas e vindas entre Imperatriz e Fortaleza, enfrentei cenários familiares marcados por instabilidade, negligências e conflitos.

Figura 4 – Irmãos Marcos e Carlos, e prima Yasmin, na casa da avó, em Imperatriz (MA), aproximadamente em 2006



Fonte: Acervo pessoal da autora (2006).

Meus primeiros estímulos de criatividade vieram junto aos meus irmãos, Marcos e Carlos. Juntos, criávamos brincadeiras imaginárias, desenhávamos e inventávamos histórias. Foram eles também que me ensinaram a ler, algo que despertou minha relação com a imaginação e com o aprendizado.

Figura 5 – Durante a infância, em Imperatriz (MA), aproximadamente em 2004



Fonte: Acervo pessoal da autora (2004).

Recordo ainda dos desenhos nos cadernos, das músicas que eu cantarolava sozinha, das amizades, da escola, das bicicletas, dos pés de jaca e acerola e dos pequenos momentos que, mesmo em meio às adversidades, me permitiram ter breves respiros de liberdade, ainda sem alcançar a dimensão daquilo.

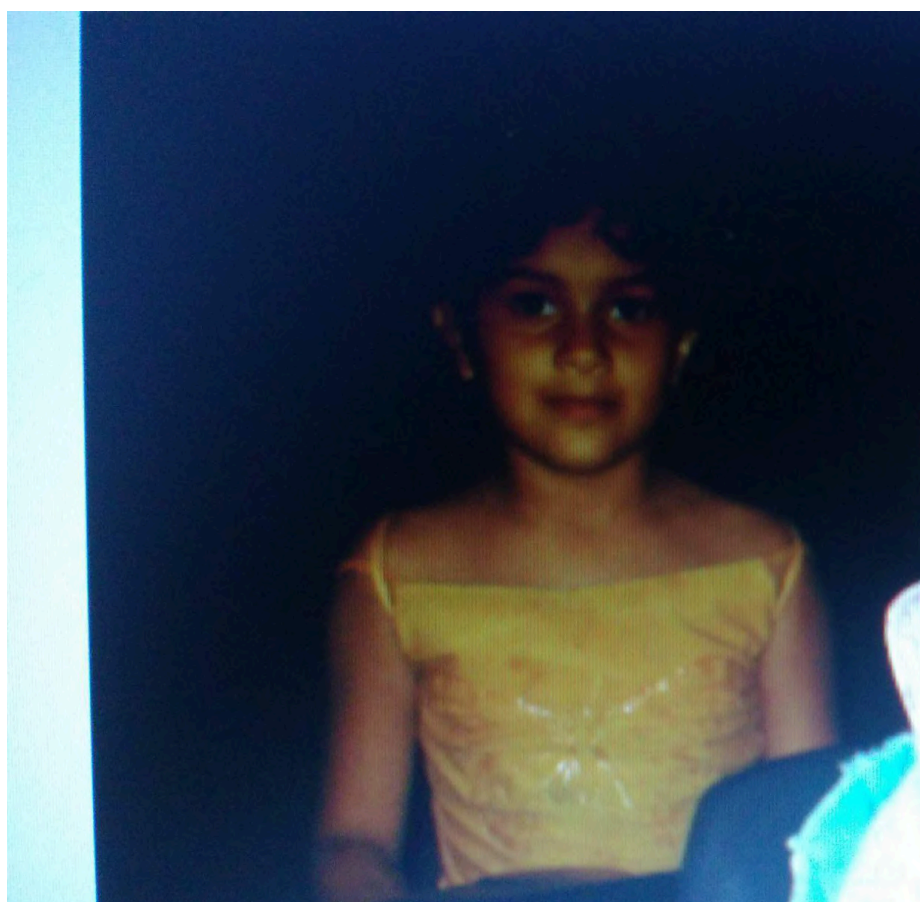
A experiência em Imperatriz alimentou minha imaginação. Sinto que criei mundos internos para suportar aquilo que não conseguia assimilar por inteiro enquanto criança. A fantasia, os desenhos e as invenções tornaram-se maneiras de expandir minha curiosidade e meu desejo de descobrir. Embora naquela época eu não tivesse tanto contato direto com fazeres artísticos, a leitura ocupava um lugar importante na minha rotina.

Apesar do forte vínculo com essa cidade interiorana, fui privada de muitas experiências básicas da infância. Foi então que, aos nove anos de idade, minha mãe decidiu me levar definitivamente para morar com ela em Fortaleza. Lembro até hoje daquele momento como uma espécie de resgate. Sentia que estava deixando um ambiente que me

condicionava a um mundo pequeno, rígido e injusto. Entretanto, reconheço que essa travessia também foi marcada por contradições, pois minha mãe igualmente carregava desafios sociais, emocionais e financeiros. Ainda assim, naquela época, ir para Fortaleza significava a abertura para outras formas de existir.

Muita coisa mudou quando cheguei à capital. Passei a conhecer novas referências culturais, outros ambientes e diferentes maneiras de existir. O contato com a internet, com filmes, músicas, teatros, cinemas de praça e tantos espaços urbanos ampliou meu olhar sobre o mundo. Naquela época, liberdade significava não ser privada de informações, descobertas e encontros. Era poder acessar situações simples que deveriam fazer parte do cotidiano de qualquer criança e adolescente. Infelizmente, possuo no máximo quatro registros fotográficos da minha infância, que estão presentes neste trabalho. É sempre emocionante revisitar essas imagens.

Figura 6 – Um dos poucos registros fotográficos remanescentes desse período



Fonte: Acervo pessoal da autora (2007).

Após esse primeiro sentimento de liberdade, surgiram novos desafios. Durante minha adolescência, morei com minha mãe e meus irmãos em diferentes kitnets nos bairros periféricos de Messejana, em Fortaleza. Aos poucos, passei a perceber nossas limitações financeiras. Havia períodos em que minha mãe saía todos os dias em busca de trabalho e outros em que não tínhamos dinheiro suficiente sequer para alimentação. Mesmo assim, ela encontrava maneiras de nos vestir, alimentar e proporcionar pequenos instantes de lazer, como idas à praia.

Foi na escola que passei a perceber de forma mais nítida as diferenças sociais. Enquanto alguns colegas possuíam materiais novos, acesso a escolas particulares e outras condições de estabilidade, eu utilizava as mesmas roupas durante anos e precisava encontrar maneiras de conseguir meus próprios materiais escolares. Trabalhei em alguns finais de semana numa peixaria para comprar itens básicos, pois naquele ano ainda não havia sido distribuídos materiais gratuitos aos estudantes.

Meu afastamento escolar não aconteceu por si só. Ele foi influenciado por mudanças de bairro, pelas limitações financeiras e pelo afastamento dos laços que eu havia construído na escola. Antes de morar em Messejana, estudei em uma escola onde possuía vínculos afetivos importantes: tinha amigas, praticava handebol e participava de projetos que me faziam sentir parte daquele espaço. Lembro, inclusive, de uma visita ao Beach Park realizada junto aos colegas e professoras, uma lembrança que permanece guardada com carinho.

Ao mudar de bairro e passar a frequentar uma escola mais precarizada, comecei a perceber de maneira mais dura os contrastes sociais presentes na minha realidade. Sofri episódios de bullying e comecei a me sentir fora de lugar naquele ambiente. Foi nesse período que percebi que determinados acessos pareciam reservados apenas para outras classes sociais. Pela primeira vez, senti de forma explícita o peso de ser uma jovem periférica.

Na juventude, as limitações materiais ganharam peso na maneira como eu me percebia. Muitas vezes, sentia-me distante dos colegas por não compartilhar as mesmas condições de vida. Ao longo de alguns anos, minha relação com os estudos foi marcada por idas e vindas. Minha mãe insistia para que eu retornasse à escola e, por diversas vezes, tentei voltar, mas acabava abandonando novamente. Somente aos dezesseis anos percebi que a educação poderia abrir novas possibilidades para além das circunstâncias em que eu vivia.

Foi, então, que me matriculei na Educação de Jovens e Adultos (EJA), retomando gradualmente meus estudos. Aprendia por meio de provas, materiais e atividades realizadas em casa, retornando à escola, principalmente, para fazer as avaliações. Aos dezessete anos, concluí o Ensino Fundamental e ingressei no Ensino Médio regular. Aos dezoito anos,

enquanto cursava o segundo ano do ensino médio, realizei a prova do Encceja e fui aprovada. Apesar desses desafios, foi nesse período que fortaleci laços importantes com amigos e com a própria cidade. Comecei a ocupar teatros, praias, praças e espaços culturais gratuitos, descobrindo Fortaleza de formas que ampliaram minha relação com a arte e com os encontros que ela proporciona.

Ao mesmo tempo, percebi que a escassez fazia parte não apenas da minha vida, mas da trajetória de muitos amigos ao meu redor. Ainda assim, existia entre nós uma rede de apoio sustentada pela amizade, pelo acolhimento e pela partilha das dificuldades. Foi nessa época que passei a perceber com mais nitidez os contrastes sociais presentes na vida das pessoas que conviviam comigo.

Figura 7 – Vitória e David durante comemoração de aniversário em Fortaleza (CE)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

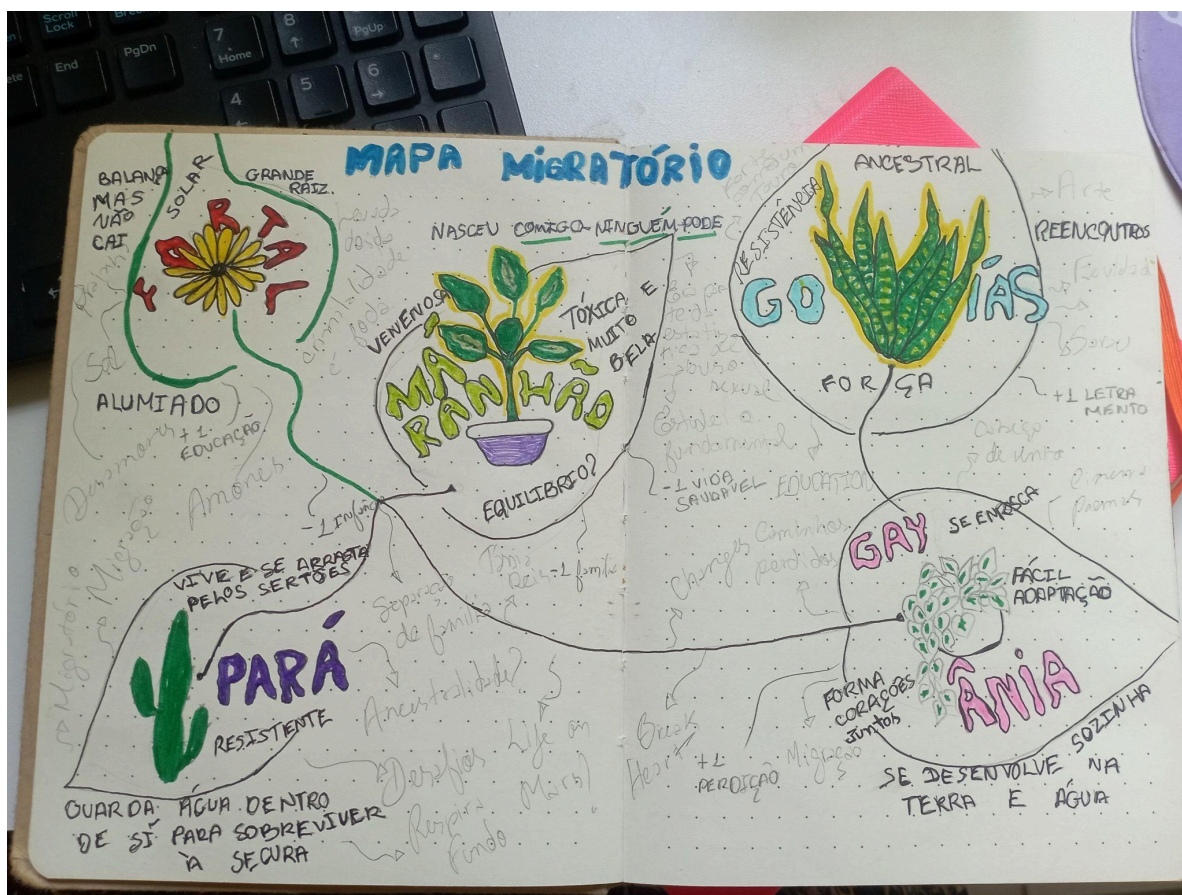
Ao refletir sobre suas memórias de infância, Freire (1989, p. 9) afirma que “a retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de 'ler' o mundo particular em que me movia [...] me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra”.

Assim como descrito por Freire (1989), ao revisitar minha infância, percebo que muitas leituras sobre o mundo já estavam presentes antes do contato com conceitos e teorias. As diferenças sociais apareciam nas condições de vida da minha família, nos lugares que habitei e nas oportunidades que pareciam mais acessíveis para algumas pessoas do que para outras. Mais tarde, os estudos me ajudaram a nomear e analisar aquilo que eu já observava intuitivamente. Da mesma forma, Conceição Evaristo (2020, p. 52) reflete sobre os caminhos que alimentaram sua escrita desde a infância:

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados à meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor, dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite.

Ao revisitar os primeiros anos da minha vida, reconheço que muito do olhar sensível que carrego hoje na arte foi sendo alimentado pelos afetos, pelas narrativas e pelas passagens que fizeram parte daquele período. Antes mesmo de perceber a arte como um espaço de aprendizado, a imaginação já ocupava um lugar importante na forma como eu observava e atribuía sentido ao mundo ao meu redor.

Figura 8 – Mapa Migratório



Fonte: caderno de desenhos da autora, lápis de cor e canetas coloridas (2024).

1.2 traços que unem

Menina, eu queria te compor
Em verso,
Cantar os desconcertantes
Mistérios
Que brincam em ti,
Mas teus contornos me
Escapolem.
Menina, meu poema primeiro,
Cuida de mim.

(“Menina”, Conceição Evaristo)

Nos meus primeiros contatos com a arte, lembro dos desenhos feitos com caneta nos cadernos escolares, quase sempre ocupando a primeira página da matéria daquele dia. Eram formas, rostos, figuras e rabiscos que pareciam comunicar alguma coisa, mesmo quando eu ainda não conseguia entender ao certo o quê.

Recordo ainda de uma atividade escolar em que todas as turmas estavam pintando com tinta guache e pincéis. Criei uma paisagem com uma montanha verde, flores, macieiras,

sol e arco-íris. Em um desses momentos, anunciaram no microfone que meu trabalho havia sido destacado. Guardo essa lembrança com muito carinho, porque aquele reconhecimento parecia legitimar minha criatividade. Não se tratava de ser melhor do que alguém, mas da sensação de que aquilo que eu criava possuía valor e merecia ser visto.

Antes mesmo de reconhecer a arte como linguagem, eu já estabelecia contato com ela por meio da leitura e das imagens. Durante os intervalos escolares, passava boa parte do tempo na biblioteca lendo histórias curtas e histórias em quadrinhos. Essas leituras despertavam meu interesse por personagens, narrativas visuais e construções imagéticas que, mais tarde, se fariam presentes em meus trabalhos artísticos.

Com o passar dos anos, a arte deixou de ser apenas uma atividade e passou a ocupar outro lugar na minha vida. Fui percebendo que conseguia traduzir sentimentos, lembranças e pensamentos em imagem. Foi nessa época que passei a escrever poemas e desenhar com mais intenção. Ainda que eu não me considerasse tecnicamente habilidosa dentro de certos padrões do ensino formal do desenho, existia um desejo muito forte de criar imagens próprias.

Figura 9 – Arte em papel



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Meu irmão desenhava personagens da Marvel com muitos detalhes, o que sempre despertava minha admiração. Entretanto, ao invés de copiar aquilo que via, eu preferia inventar minhas próprias figuras, com traços e características que surgiam da minha imaginação. Hoje, dou-me conta que, mesmo sem ter plena consciência, eu já buscava construir uma linguagem visual própria.

Durante a juventude, minha relação com a arte começou a se aproximar mais das cenas culturais da cidade. Em Fortaleza, passei a frequentar saraus, eventos ligados ao hip hop, apresentações musicais e bailes de reggae, ambientes onde me sentia conectada através da dança, da música e dos encontros. A pichação também fazia parte do cenário que me cercava e, embora eu ainda não participasse diretamente naquele período, aquelas marcas nos muros aguçavam minha curiosidade.

Meu primeiro contato direto com a arte urbana aconteceu durante a Copa do Mundo de 2014, em Fortaleza. Junto com outras pessoas, participei da pintura das ruas com as cores do Brasil. Lembro de ficar até tarde preenchendo detalhes e observando cuidadosamente cada trecho colorido. São imagens que ainda habitam minhas lembranças e me fazem sentir o quanto vivi aquele momento.

Mais tarde, já adulta e durante a faculdade, passei a pintar muros e praças em Goiás. No início, minhas tentativas com spray eram desajeitadas: a tinta espirrava onde não deveria, os traços saíam imprecisos e eu ainda me sentia insegura. Foi nessa época que passei a aprender mais sobre grafite, tintas, materiais e intervenções urbanas através de amizades importantes com Daniel Abreu, Gabriel Mota e, posteriormente, Luana. Juntos, criamos o coletivo Goiaba Crew, coletivo criado por estudantes do curso de licenciatura do IFG, iniciativa que aproximou ainda mais minha relação com a cidade e ampliou minhas possibilidades de atuação artística no espaço urbano.

Figura 10 – Reunião do coletivo Goiaba Crew



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Passei a olhar paredes, ruas e superfícies urbanas como lugares possíveis de criação. Além disso, fui entendendo que muitas pessoas julgam o grafite sem conhecer a dimensão artística e sensível presente nessa forma de ocupação da cidade. Sinto forte conexão com o grafite, justamente, pela sua ligação com a rua, com aquilo que circula, muda e permanece apenas por determinado tempo. A cidade carrega histórias, conflitos e vestígios que conversam diretamente com aquilo que produzo.

Figura 11 – Intervenção em grafite



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Nessa perspectiva, o grafite pode ser compreendido como uma linguagem visual que converte os espaços urbanos em lugares de trocas e encontros. Ao refletir sobre essa prática artística, Gitahy (2011, p. 16) afirma que:

O graffiti tem como suporte para sua realização não somente o muro, mas a cidade como um todo. Postes, calçadas, viadutos etc. são preenchidos por enigmáticas imagens, muitas das quais repetidas à exaustão – característica herdada da pop art. Efêmero por natureza, vai da crítica social [...]. É, antes, um convite ao encontro e ao diálogo.

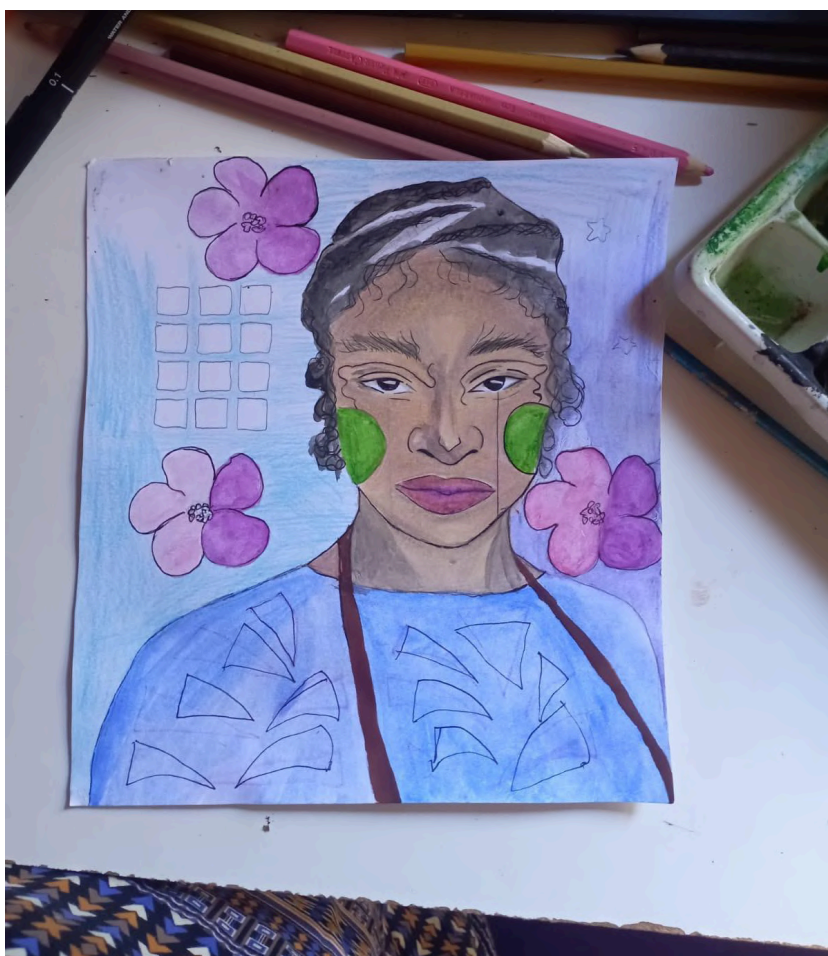
Sob essa ótica, é possível reconhecer que o grafite vai além da estética, dialoga diretamente com a vida da cidade e com aqueles que a ocupam. Gitahy (2011, p. 17) destaca, ainda, que “vale lembrar que toda manifestação artística representa a situação histórica em que esta ocorre, não porque necessariamente toda arte deva ser engajada, mas porque é realizada pelo sujeito histórico dentro de um contexto histórico-social e econômico”. Desse modo, a arte urbana atua como uma ação alimentada por laços sociais, pelos encontros

coletivos e pelo contexto em que se desenvolve, fazendo da cidade um ambiente de expressão, contato e partilha

Foi durante a graduação que passei a documentar e estudar meu próprio percurso criativo com mais atenção. As disciplinas de desenho e pintura, ministradas por professoras, como Ana Rita e Naira, contribuíram significativamente para desenvolver meu conhecimento técnico sobre aquilo que eu fazia intuitivamente há muitos anos. Aos poucos, fui percebendo que meus desenhos, personagens e escolhas visuais revelavam elementos ligados às lembranças, ao feminino e às realidades sociais presentes em minha vida.

Ao avaliar essas produções, vi que muitas delas já traziam os dilemas que hoje coloco no centro do meu trabalho. O que antes era só intuição passou a mostrar laços profundos com meu percurso de vida, meus afetos e meu jeito de minha conduta social.

Figura 12 – Produção gráfica desenvolvida pela autora



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Figura 13 – Primeiro estudo da autora com letras em estilo bomb



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Foi nesse cenário que criei meu nome artístico: Mufina. A palavra é muito comum em terras nortistas e nordestinas e esteve presente em vários momentos do meu passado. Minha avó dizia para eu não abraçar demais um gato, para não oferecer carinho em excesso, porque ele ficaria “mofino”. A palavra refere-se a algo triste, abatido, sensível ou enfraquecido. Com os anos, me enxerguei nesse termo, que tinha tudo a ver com o que eu sentia.

Figura 14 – Estudos da personagem Mufina e de letras em estilo bomb



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Assumir Mufina como nome artístico traduz meu vínculo com as expressões nordestinas e com minhas origens. Existe algo de melancólico na personagem, mas há nela algo muito humano e delicado. Gosto de pensar que, se para continuar “mufina” for necessário seguir recebendo cuidado, afeto e sensibilidade, então talvez eu queira continuar sendo assim.

Não consigo dizer ao certo quando ela surgiu pela primeira vez no papel, porque estive presente em diferentes momentos da minha vida, assumindo novas aparências, traços e maneiras de se manifestar. Hoje, consigo notar que quase todas as personagens que desenhei ao longo dos anos eram, de alguma forma, fragmentos da própria Mufina.

Figura 15 – Desenho identificado pela autora como uma das primeiras aparições da personagem Mufina em sua produção artística, realizado na Cidade de Goiás (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Mufina não sou eu diretamente, mas fala por mim, me protege e me ajuda a reconhecer meu lugar enquanto artista. Ela amadurece junto comigo, caminhando ao lado das minhas mudanças, dos meus questionamentos e da forma como passo a me mover pelo mundo. Por intermédio dela, busco dar voz às minhas sensibilidades femininas por meio das cores, dos retratos, da poesia e dos símbolos que atravessam minhas criações.

Minhas criações caracterizam-se por apresentar retratos com cabelos volumosos, delineados, argolas, olhos puxados e tons de pele pretos e mestiços. Tenho o hábito de utilizar cores como verde, roxo, rosa, magenta e tonalidades pastéis, criando imagens que evocam delicadeza, força e presença feminina.

A presença de retratos é recorrente no meu universo visual, porque é através deles que consigo construir o olhar dessas personas. Em alguns momentos, essas imagens funcionam como espelhos fragmentados, cujas distintas existências femininas podem encontrar identificação.

Encontro inspiração em artistas como Gê Viana, Yacunã Tuxá, Dinha Ribeiro, Auá Mendes e Crimes Passionais. Suas produções ressoam em mim pela força com que ocupam os espaços da arte e pela singularidade de suas linguagens. Há algo sensível, visceral e, por vezes, quase onírico na forma como cada uma delas se manifesta. Observar seus caminhos, me lembra que não estou sozinha e que faço parte de uma rede de mulheres que criam e reinventam o mundo com arte.

Meus caminhos de criação, quase sempre, começam pelas palavras. Antes que uma imagem apareça, gosto de reunir frases soltas, anotações, poemas e pensamentos. Quando passo muito tempo sem desenhar ou escrever, sinto como se algo dentro de mim perdesse movimento. Criar necessita da melhor elaboração e atenção ao que se passa por dentro. Não são poucas as vezes em que considero uma produção pronta quando esgoto todas as perspectivas de observação e detalhe que consigo alcançar.

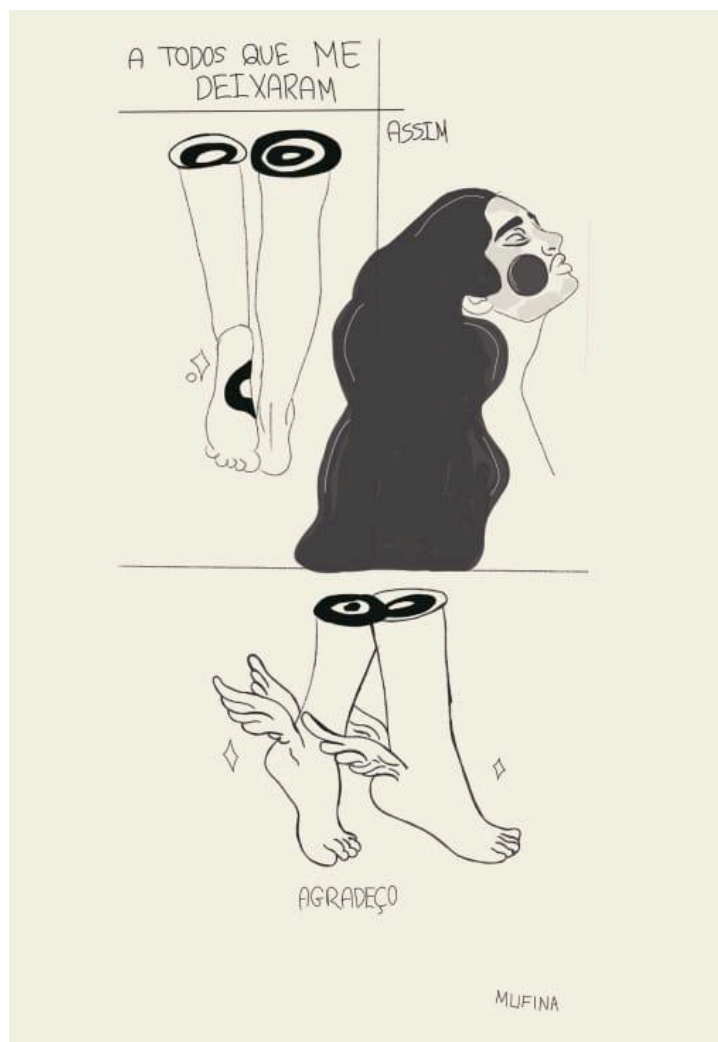
Mais do que um resultado final, a arte torna-se um lugar onde posso elaborar perguntas, acolher inquietações e dar forma àquilo que nem sempre consigo dizer de outra maneira. Ainda assim, ao concluir uma obra, existe uma satisfação difícil de descrever, como se todo o tempo dedicado à criação encontrasse, enfim, um lugar de repouso.

Quando pinto, sinto uma profunda sensação de liberdade. Cada pincelada parece me aproximar de um encerramento confortável das camadas que estou construindo. Há satisfação em observar a tinta ocupando a superfície, criando textura e imagem. Existe ainda certa coragem nesse movimento, porque criar envolve erro, exposição e fragilidade.

Quando alguém se depara com uma obra minha, me interessa esse sentimento de familiaridade imediata. Gosto da ideia de que a pessoa sinta-se parte daquela conexão, que aquilo possa incentivá-la a produzir também e a se apropriar da própria história. Da mesma forma, me atraem a dúvida, o incômodo e o mistério que podem surgir nesse encontro.

Meu desejo é construir um legado ligado ao expressionismo, produzindo figuras femininas que amadurecem ao longo dos anos junto comigo, tanto tecnicamente quanto conceitualmente. Quero continuar criando, pesquisando e desenvolvendo essas representações, mantendo um trabalho capaz de estabelecer conexões com outras pessoas, especialmente com mulheres que também buscam se reconhecer na arte.

Figura 16 – Produção visual em técnica de ilustração digital realizada pela autora



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

1.3 somos vidas subterrâneas, asas periféricas

“e sendo acendia, paralela, bálsamo, torpedo,
desencontro novamente o ser.
nas rachaduras de estruturas, caminhava descalça;
ao sentir a gravura, posso materializar chaves de
trancaduras,
por mais que longa e dura seja a vida nesse
entrelaço.”

(Poema autoral)

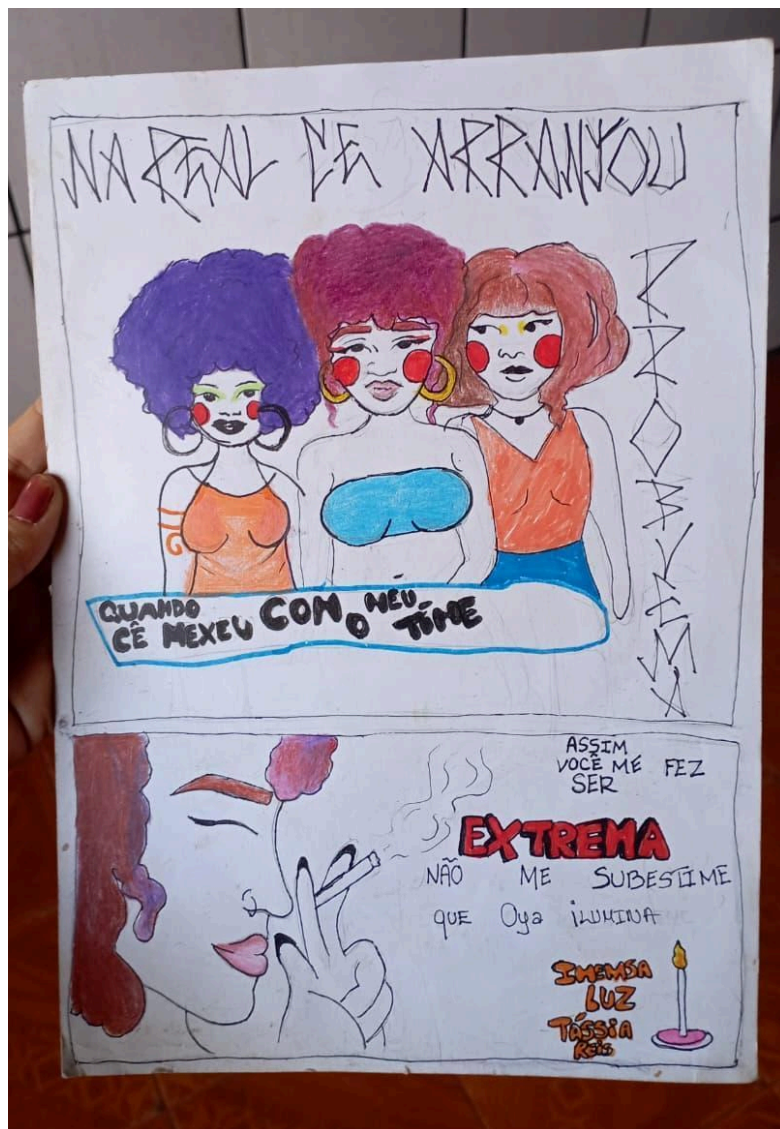
Figura 17 – efêmera



Fonte: bordado em fotografia, produzidas e queimadas no contexto da matéria PCC Artes Híbridas (2025).

Estou construindo minhas produções de maneira manual. Faço ilustrações e pinturas utilizando canetas coloridas, lápis de cor, aquarela, tinta acrílica e nanquim. Meu interesse é em investigar linhas, texturas e arranjos visuais que dão forma às personalidades que surgem em meus processos criativos. Também gosto de histórias em quadrinhos. Assim, meu trabalho poético-visual reúne fantasia, denúncia, lembranças, feminismo e ancestralidade por meio de atmosferas expressionistas e protagonistas alimentadas por emoções e desejos.

Figura 18 – Desenho em formato de história em quadrinhos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Figura 19 – Mural com a personagem Mufina, Cidade de Goiás (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Constantemente, trabalho essas figuras em outros suportes. Levo-as para paredes e muros com o grafite, de modo particular no estilo bomb, busco amplificar sua presença de minhas personagens na paisagem urbana. O nome MUFINA reafirma minha ligação com a cultura nordestina, referência que perdura viva em minhas produções e na maneira como estruturo essas ilustrações. Minha maior herança é a resistência. Ela manifesta-se como personalidade e linguagem visual, acompanhando minhas transmutações enquanto mulher, artista e arte-educadora.

Figura 20 – Pintura realizada pela autora em técnica mista



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Figura 21 – Pintura realizada pela autora em técnica mista



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Em relação à minha identidade racial, reconheço que ocupo um lugar pautado por dúvidas, buscas e incompletudes. Embora eu me reconheça como uma mulher não branca, nem sempre sou lida socialmente dessa maneira. Com frequência, sou lida como branca ou parda, condição que também está relacionada à história de miscigenação presente em minha família.

Minhas origens atravessam diferentes territórios do Norte do país, especialmente o Pará e o Amazonas, reunindo heranças das quais conheço apenas fragmentos. Parte dessa história permanece desconhecida, tanto pelos apagamentos que marcaram gerações anteriores quanto pela ausência de informações sobre meu genitor.

Essa complexidade também intersecciona minha linguagem artística. Os traços, as cores, os cabelos e os fenótipos presentes nas personas que crio refletem problematizações que acompanham minha biografia. Mais do que buscar respostas definitivas, estou procurando interpretar as camadas que alicerçam meu caráter e as narrativas que ainda persistem veladas em minhas origens.

As ruminações de Lélia Gonzalez (2020) sobre o embranquecimento são fundamentais para pensar esse panorama no cenário latino-americano. Ao problematizar os efeitos gerados pela colonialidade e pelas estruturas de dominação racial, a autora descortina como muitos sujeitos passam a conviver com rupturas, apagamentos e incertezas em relação às próprias origens (Gonzalez, 2020).

Herdeiras históricas das ideologias da classificação social (racial e sexual), bem como das técnicas legais e administrativas das metrópoles ibéricas, as sociedades latino-americanas não puderam deixar de se caracterizar como hierárquicas. Estratificadas racialmente, elas apresentam um tipo de contínuo de cor que se manifesta em um verdadeiro arco-íris classificatório (no Brasil, por exemplo, existem mais de cem denominações para designar a cor das pessoas).

Nesse contexto, a segregação de mestiços, indígenas ou negros torna-se desnecessária, porque as hierarquias garantem a superioridade dos brancos como grupo dominante. Desse modo, a afirmação de que todos são iguais perante a lei assume um caráter claramente formalista em nossas sociedades. O racismo latino americano é sofisticado o suficiente para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados dentro das classes mais exploradas graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada pelos cientistas brasileiros.

Transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos aparatos ideológicos tradicionais, reproduz e perpetua a crença de que as classificações e valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca prova sua eficácia pelos efeitos da violenta desintegração e fragmentação da identidade étnica produzida por ele; o desejo de se tornar branco (“limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é internalizado com a consequente negação da própria raça, da própria cultura. (Gonzalez, 2020, p. 130).

Gonzalez (2020) aponta que a ideologia do branqueamento contribuiu historicamente para a diluição das identificações étnico-raciais, acarretando reconhecimento da lógica cultural eurocentrada como parâmetro dominante. As considerações apresentadas pela autora, ajudam-me a identificar que muitas questões relacionadas à ascendência racial provêm de precedentes históricos que norteiam a forma como nos entendemos e aos outros.

Nesse desenvolvimento, a arte-educação passou a ser crucial no meu crescimento. Foi através da graduação, das leituras e do contato com diferentes autores e óticas que diversifiquei minha gama de pensamentos de questões relacionadas à raça, cultura e individualidade. O acesso a esses debates não eliminou todas as dúvidas, mas me permitiu amadurecer um olhar mais atento para as multiplicidades presentes na realidade social do país e em minha própria narrativa.

Figura 22 – Desenho realizado pela autora com a utilização de tinta acrílica e lápis de cor



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 23 – Intervenção em grafite



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 24 – Mural realizado pela autora em Fortaleza (CE)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Figura 25 – Mufina presente em intervenção artística realizada durante evento de ressignificação da história do Beco Quilombo Alto Santana, na Cidade de Goiás (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

A poesia também ocupa um lugar importante em meu campo de criação, pois muitas vezes é através da escrita que consigo costurar sentimentos, recordações e ponderações. Ela aparece em frases dispersas pelo papel, títulos soltos e formulações que nem sempre seguem uma sequência previsível, mas despertam impressões e constroem imagens quiméricas.

Ao longo dos últimos anos, fui encontrando caminhos para dar vida a essa escrita. Em 2023, realizei o Sarau Artemísticas, projeto contemplado pelo Fundo Municipal de Cultura e criado a muitas mãos com amigos, reunindo poesia, música e uma exposição coletiva com estudantes e ex-estudantes do IFG. Foi a primeira vez que organizei um evento cultural idealizado por mim, reunindo e fazendo dialogar diferentes artes em um só lugar.

Enquanto minha relação com a poesia se fortalecia, fui selecionada para participar da Roda de Poesia do FICA 2023, acontecimento em que levei a coletânea *Uma Vida de Saudade do Ceará*, conjunto de poemas nascido pela migração e pelas saudades dos vínculos construídos com o lugar onde cresci. Na mesma direção, participei das edições de 2024 e 2026 do festival *Elas Encantam*, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura da Cidade

de Goiás. Em 2024, compartilhei novamente a coletânea apresentada no FICA. Já em 2026, recitei poemas da série *Rosas*, trama de poemas que aborda a ruptura do amor romântico.

Figura 26 – Sarau Artemísticas, evento cultural organizado com recursos do Fundo Municipal de Cultura



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Figura 27 – Recitação de poesia autoral realizada pela autora durante o Festival Elas Encantam, na Cidade de Goiás (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 28 – Recitação de poesia autoral realizada pela autora durante o Festival Elas Encantam, na Cidade de Goiás (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Cada vez mais tenho me entendido como uma mulher que busca liberdade, inclusive de si própria. Tenho permitido descobrir minha presença no mundo, como tantas outras pessoas também fazem. Ao me aproximar do fim da graduação, sei que minha formação não se encerra aqui. Sinto vontade de continuar estudando, talvez em novos contextos: uma segunda graduação, quem sabe em dança; uma pós-graduação ou outros desdobramentos que ainda possam surgir. Sei que meu futuro está ligado à sala de aula.

As circunstâncias que marcaram minha infância e adolescência deixaram cicatrizes que ainda reverberam em diferentes dimensões da minha existência. Por isso, procuro hoje retomar cuidados que não me foram oferecidos anteriormente. Foi aos dezenove anos que

tomei consciência da necessidade de cuidar da minha saúde mental. Mesmo com pouco acesso, encontrei no sistema público de saúde a oportunidade de iniciar a terapia, acompanhamento que se tornou fundamental em minhas travessias. Comecei a lidar com minhas feridas e construir alternativas de acolhimento e atenção a mim mesma, mantendo esse cuidado há aproximadamente sete anos.

Agora reconheço a importância dessa constância. Acredito que esse encontro aconteceu no momento em que precisava acontecer. Ao longo desses anos, passei a desenvolver uma relação mais cuidadosa comigo mesma, aprendendo a identificar limites e elaborar sofrimentos. Esse trajeto também ampliou minha empatia sobre a importância das redes de cuidado e do papel de profissionais dedicados com a saúde mental. Talvez, por isso, eu valorize tanto os espaços baseados no amparo e na construção de conexões, valores que procuro levar para minha conduta como artista e futura professora.

Paralelamente, comecei a tomar decisões importantes sobre minha própria vida adulta. Algo que precisei aprender, para me manter emocionalmente viva, foi reconhecer quando o afastamento tornava-se uma forma de cuidado. Isso incluiu o rompimento com vínculos familiares sustentados por maus-tratos, abusos e diferentes negligências. Existe dor em reconhecer a ausência de uma rede de apoio familiar, principalmente quando observo outras pessoas vivendo cenários de acolhimento que nunca fizeram parte da minha realidade. Estou escolhendo não insistir em relações que produzem sofrimento desnecessário.

Esse aprendizado também orienta outras decisões que tomo. Cabe a mim, hoje, me sustentar financeiramente e organizar minha rotina. Não se trata de uma condição romantizada, mas de uma necessidade que, com os anos, passou a representar autossuficiência, responsabilidade e sobrevivência.

As circunstâncias relacionadas à minha família deixaram alguns efeitos que ainda respingam nos meus métodos de relacionar com as pessoas. Ainda carrego dificuldades em confiar nos outros, crio barreiras de interação e, ocasionalmente, ainda me permito situações que me fazem mal por medo da solidão. Existem fragmentos do passado que retornam em flashes e ausências que continuam dolorosas.

Em contrapartida, fui cultivando ao longo dos anos uma rede de apoio que considero minha família. São pessoas que escolhi e que, mutuamente, também me escolheram. Dentro dessas relações encontrei escuta, compreensão, respeito e partilha. Foi por meio dessas conexões que aprendi que o amor pode ser calmo, que não precisa nascer do conflito constante e que pode oferecer liberdade. São laços que me lembram que não estou sozinha e que me ajudam a seguir adiante.

Em diálogo com Evaristo (2016), compreendo que a tessitura da condição humana não acontece individualmente, porém na convivência com as ligações cultivadas com mulheres, ancestrais e pessoas que participam de nossas vidas. Percebo que parte da mulher que me tornei também foi engrenada por essas relações de afeição e nutrição.

Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias (Evaristo, 2016, p. 12). Essas leituras dialogam com as margens por onde caminhei, em particular, ao considerar a influência das pessoas que caminharam comigo e contribuíram para minha organização sensível e artística.

1.4 vibramos linhas gastas num segundo eterno

Vaca louca. Olho no céu a artística incansável, seus elementos, cores e profundidades.
Se expande nas fendas de outra dimensão, livre de lutas abissais, no meio da rua, na vida que brota póstumas funções viscerais.

(Poema autoral)

Figura 29 – mural IFG



Fonte: personagem de mural criado pela autora (2025).

Ao longo dessa travessia, sinto que encontrei meu lugar através da arte, embora ainda seja difícil discernir plenamente essa vontade de transformar em imagens, cores e palavras

tudo aquilo que carrego internamente. Existe em mim um desejo incessante de dar visibilidade às violências e aos silenciamentos que, muitas vezes, continuam omitidos. Quero que meu trabalho diga: “você podem tentar me apagar, mas não podem apagar minha arte”.

Quando abordo o apagamento, falo a partir da minha própria história. Sistemáticamente, confiscaram a minha voz, restando-me o peso de um silenciamento forçado... As ponderações de Grada Kilomba (2019), ao dialogar com Gayatri Spivak, fomentam para pensar que a sujeição não está necessariamente relacionada à impotência de falar, porém às estruturas que bloqueiam a inserção de falas periféricas no debate, sufocando a sua existência. Desse jeito, a autora afirma:

Gayatri C. Spivak (1995) coloca a questão "Pode a subalterna falar?", à qual logo responde: "Não!" É impossível para a subalterna falar ou recuperar sua voz e, mesmo que ela tivesse tentado com toda sua força e violência, sua voz ainda não seria escutada ou compreendida pelos que estão no poder. Nesse sentido, a subalterna não pode, de fato, falar. Ela está sempre confinada à posição de marginalidade e silêncio que o pós-colonialismo prescreve. [...] Ao argumentar que a subalterna não pode falar, ela não está se referindo ao ato de falar em si; não significa que nós não conseguimos articular a fala ou que não podemos falar em nosso próprio nome. A teórica, em vez disso, refere-se à dificuldade de falar dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo (Kilomba, 2019, p. 47).

Essa sementeira mental fez trazer minhas criações para o centro do debate sobre as violências cotidianas do machismo, sobre o abandono e a vulnerabilidade. Com a maturidade, fui entendendo que ser política, para mim, significa posicionar-me diante dessas realidades. Ao longo do tempo, fui aprendendo a guardar certas partes de mim. A arte, nesse cenário, tornou-se um espaço de elaboração e resistência – um lugar onde crio mesmo quando ainda não possuo todas as respostas.

Por isso, minhas produções têm uma forte ligação com o cenário periférico e marginalizado. Existem nelas uma manualidade que faço questão de preservar, mesmo no esforço constante de ampliar meus recursos técnicos como artista. Não quero apagar os vestígios da cultura popular brasileira presentes no que produzo. Pelo contrário, desejo mantê-los como parte trivial da minha identidade.

Durante o período em que estive imersa no projeto “Entre Cerrado”, da Universidade Federal de Goiás, fui convidada para atuar como oficina de grafiteira. Ganhei o espaço para criar o mural “Mulheridaades”, projeto que me fez enxergar com mais nitidez a dimensão política presente em meu trabalho.

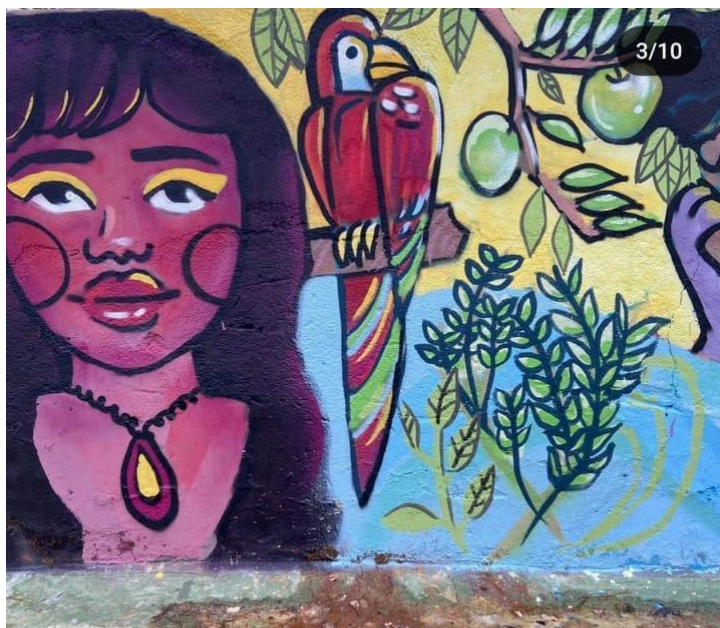
Figura 30 – Participantes reunidos durante a realização do mural *Mulheridades*, desenvolvido no âmbito do projeto Entre Cerrado



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Com essa obra, procurei pensar o papel das mulheres na sustentação da vida, do cuidado coletivo e da preservação ambiental. A pintura articula a presença de mulheres, crianças, vegetações e múltiplas cores que ocupam e habitam o muro com total expressividade, criando uma atmosfera em um ritmo cheio de vida, convivência e consciência ambiental. Nessa criação, vi a arte manifestar-se como um elo entre espaço, gênero, memória e natureza.

Figura 31 – Detalhe do mural *Mulheridades*



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Trago a certeza de que o próprio fato de minha arte habitar as ruas, em paredes e muros, já se traduz como ação política. Quando vejo meus desenhos ocupando a cidade, sinto que minha própria existência também demarca seu espaço ali. Ainda que a exposição pública traga seus receios, o muro é o lugar onde escolho me encontrar.

Figura 32 – Mural desenvolvido na Rua Padre Arnaldo, na Cidade de Goiás (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

1.5 voz artéria

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”
(Paulo Freire)

Figura 33 – Mural do projeto Arte Urbana para uma Educação Antirracista



Fonte: produzido por Goiaba Crew (2025)

A arte colocou-me em um lugar, onde eu jamais imaginei ser vista: dentro da sala de aula. E, quando fui vista, foi por aquilo que sou. Ao assumir esse lugar, comecei a me sentir legitimada como educadora, alguém que ensina; contudo, que segue aprendendo. Essa nova realidade redefiniu como eu via a escola, o estudo e os laços que surgiram dentro da sala de aula.

Figura 34 – Estágio Curricular Supervisionado III – Câmpus Cidade de Goiás, durante atividade desenvolvida no contexto do estágio



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

No período da faculdade, eu envolvi-me em diferentes projetos de arte-educação, focando em oficinas. Fiz oficinas de grafite – tanto no estilo bomb quanto em mural –, além de trabalhar com literatura e zines. Essas propostas ganharam espaço nos estágios e no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), iniciativa que consolidou meu apego pelo ensino e me abriu os olhos para como a arte aproxima quem está na escola.

Figura 35 – Fotografia de uma das turmas com a qual a autora desenvolveu atividades como bolsista do PIBID no Lyceu de Goyaz



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Essa prática mostrou-me que ensinar arte vai além de repassar técnicas. Existe escuta, troca e criação coletiva. Aos poucos, entendi o valor de deixar que os estudantes criem com base no que já trazem de bagagem, vendo que suas escolhas contam na construção dos seus caminhos.

Nesse cotidiano de aulas, passei a me identificar com alguns estudantes, notadamente com aqueles que demonstravam vergonha de apresentar trabalhos, hesitavam ao responder perguntas ou se mantinham calados em sala. Na maioria das vezes, essas atitudes mostram inseguranças e questões internas difíceis de notar. Eu já ocupei esse lugar no passado e, por esse motivo, busco acolher esses momentos com mais paciência e atenção.

Figura 36 – A autora e estudantes durante ação de grafite desenvolvida no âmbito do Fórum Infantil II, vinculada ao FICA e ao Estágio Curricular Supervisionado III



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

O planejamento para as aulas nem sempre funciona como a gente imagina. É comum encontrar estudantes desinteressados, dispersos ou com pouca vontade de participar das atividades. Nessas horas, é preciso respirar, mudar os planos e notar que cada turma ensina algo para quem está na frente. O dia a dia na escola ensina que não existe receita certa e que dar aulas se faz na tentativa, no improviso e até no erro. Estar na sala de aula trouxe-me lições sobre o tempo. Descobri que o desenvolvimento dos estudantes não deve ser apressado, mas amparado. A evolução deles nem sempre é automática, o que exige olhar atento para aproveitar o que aparece no decorrer das aulas.

Para mim, dar direção na arte não é impor uma técnica. É criar um lugar de respeito, onde as pessoas sintam-se à vontade para tentar. O que procuro fazer é garantir que cada um expresse seu próprio mundo e veja valor no que faz. Ensinar arte é aprender junto. É abrir espaço para ver o que nasce de cada encontro e de cada oficina, sabendo que o que dividimos ali deixa um rastro bonito no que construímos lado a lado. Não encaro o ensino da arte como um currículo a cumprir, mas sim uma maneira de agir e fazer valer o que acredito.

Figura 37 – Fórum Infantil II em parceria com o Estágio Curricular Supervisionado III em escola rural



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

1.6 toda mulher tem uma história de dor pra contar

Em toda passagem do afeto mais subterrâneo, existe uma mulher que lutou, que se alimentou de si e não quis morrer nas próprias ideias. Então, pega esse coração pela mão, Corre. Com ele cru mesmo, no meio da rua, para todo mundo ver que você não se conteve. Não precisa lamentar. Você continua. Transforma. O som das araras, no fim da tarde, vermelho vivo, barulho de céu aberto, um cheiro que se repete, lembrando das cores, da aglomeração, dos panos suados, do carnaval, dos caminhos possíveis que te levaram aos teus retornos triunfais.

(Poema autoral)

Figura 38 – buquê de flores



Fonte: a autora em fotografia (2024).

Decidi falar de mim neste trabalho pela intenção de dividir meus passos como uma pesquisa. Faço isso para valorizar o que vivi, pois sei que tudo isso merece ganhar voz. A verdade é que as pessoas não começam no mesmo lugar e não encontram as mesmas portas abertas. É aí que a criação e o ensino ganham peso, servindo para organizar o que passamos, abrir frestas e desenhar o amanhã. Escrever sobre mim é um jeito de apontar as distâncias, as injustiças e os muros no aprendizado. Faço isso por nós, que sentimos na pele o descaso e a falta de apoio.

A partir dessas amarras, defino a seguinte pergunta: como criação, passado, docência e migração influenciam no meu desenvolvimento na arte e no ensino? Nesta pesquisa, analiso episódios que considero marcantes, como a época em que era pequena em contextos de precariedade, as idas e vindas entre estados, meu histórico escolar e a aproximação inicial com a produção artística. Esses elementos aparecem interligados e ajudam a analisar minha atuação no campo da arte-educação. No decorrer dessa caminhada, as questões ligadas à condição de ser mulher estiveram presentes, influenciando minha forma de enxergar a realidade, construir relações e ocupar diferentes espaços

Foi lendo autoras feministas que consegui analisar de forma mais crítica muito do que enfrentei nos anos anteriores. Alinhada a isso, bell hooks (2019) reforça o papel da educação feminista como motor de reformas sociais e de construção da consciência crítica. De acordo com a pesquisadora:

É necessária educação feminista de base para uma consciência crítica. Infelizmente, o elitismo moldou o pensamento feminista [...] Um esforço coletivo de porta em porta para espalhar a mensagem do feminismo é necessário para que o movimento se renove, para recomeçar com a premissa básica de que as políticas feministas são necessariamente radicais. [...] porque o feminismo é um movimento para acabar com sexismo, dominação e opressão sexistas, é uma luta que inclui esforços para acabar com a discriminação de gênero e para criar igualdade, é um movimento fundamentalmente radical (hooks, 2019, p. 161).

As análises trazidas pela autora enriqueceram minha visão sobre as desigualdades de gênero, mostrando que muitos problemas antes tratados como individuais dependem de estruturas sociais mais amplas. Essas leituras mudaram meus pontos de vista, com reflexos na minha produção artística e na postura que assumi.

Desse modo, este estudo busca ir além de um relato próprio, colaborando com os debates sobre arte, educação e desigualdade social, o trabalho me propõe uma volta para si mesma, mantendo a atenção em dimensões coletivas que se alinham a realidades parecidas.

1.7 sou uma casa sem endereço? uma carta dedicada? sou a mesma? em busca de um tesouro, com a mente no futuro e o coração no mundo

“se tudo que eu vivo hoje respira e exala,
no meu íntimo a liberdade não cala.
se, como Djamila fala, em lugar de fala,
eu me sinto cravada em algum lugar...
aquele em que encontrei inspiração de alforria da alma de tudo
que já pensei em ser,
viajando num ônibus pelos bairros burgueses de Fortaleza,
me imaginei maior do que eu era, numa era em que eu só
pensava em português...
literatura cicatrizava a desembocadura
das asas que não me pertenciam:
por limitada, aninhava calma e
destravava minha ascensão em ser.”
(Poema autoral)

Figura 39 – Quer café? Toma um chá



Fonte: autora na adolescência (2016).

Estou tornando-me uma mulher que deseja reivindicar mudanças sociais e políticas através da educação, da arte e das formas de cuidado construídas coletivamente. Nesse caminho, tenho me tornado mais sensível e bastante firme diante daquilo que não aceito mais. Por longos anos, observei comportamentos violentos, sendo naturalizados e escondidos atrás de discursos religiosos e conservadores, como se isso justificasse práticas autoritárias e agressivas. Decidi que não aceitaria mais essa lógica.

Romper com esses ciclos significou tentar desfazer marcas emocionais acumuladas desde criança. Hoje busco me tornar uma mulher mais carinhosa comigo mesma, mais próxima de afetos tranquilos, relações leves e cotidianas que não exijam que eu me diminua para caber em um lugar pequeno. Carrego alguns medos. As estatísticas de feminicídio, a violência contra mulheres e o perigo frequente que muitas de nós aprendemos a mapear desde cedo continuam me assustando. Por esse motivo, sigo atenta.

Ao mesmo tempo, aprendi a proteger o que considero mais valioso: a liberdade de decidir meus passos, a calma do meu lar, a companhia da gata Lune e o que me faz ficar

inteira. Aprendi que não quero pautar o meu cotidiano por relações amorosas idealizadas, nem por formatos, que colocam mulheres na função de cuidar de todos enquanto esquecem de si mesmas. Eu me recuso.

A independência completa talvez não passe de uma meta distante para nós, mulheres, na nossa estrutura social. Mesmo assim, acredito nas brechas que conseguimos abrir. Elas surgem nas amizades, nos afetos, na arte, na educação e nas pequenas decisões cotidianas. É por aí que encontro caminhos mais honestos para conduzir meus dias.

O convívio com outras mulheres trouxe grandes ensinamentos. Artistas, professoras, escritoras, mães, amigas e pesquisadoras que estiveram na minha história mostraram-me opções de conduta, cuidado e resistência. Ao lado delas, percebi que, muitas vezes, seguimos sustentando o mundo mesmo quando estamos cansadas.

Figura 40 – Mural da artista Ruth, conterrânea cearense, na Cidade de Goiás (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Esses encontros também me fizeram refletir sobre a presença das mulheres nos espaços de produção artística. Durante muito tempo, a História da Arte foi narrada principalmente a partir de nomes masculinos, fazendo com que a participação de inúmeras mulheres permanecesse invisibilizada. Ao questionar por que não existiram grandes mulheres artistas, Linda Nochlin (2016) argumenta que o problema não está na capacidade criativa das mulheres, mas nas estruturas sociais, educacionais e institucionais que historicamente limitaram seu acesso à formação, ao reconhecimento e à circulação de suas produções.

Como destaca a autora, muitas mulheres foram impedidas de frequentar academias de arte, acessar determinados espaços de formação e participar das mesmas oportunidades

oferecidas aos homens. Ao longo da graduação, estar cercada por mulheres artistas e pesquisadoras também me permitiu perceber a importância de ocupar esses espaços e contribuir para a construção de outras narrativas. Deixo aqui minha gratidão a todas que compartilharam parte dessa caminhada comigo.

As amizades que fiz durante a graduação foram essenciais nos momentos em que me senti sozinha em Goiás. Foi no carinho dessas pessoas que encontrei apoio para continuar acreditando em mim mesma. Por muitos anos, senti-me como alguém que era difícil de amar. Hoje penso que, para quem realmente me quer bem, talvez isso nunca tenha sido verdade.

Figura 41 – Comemoração do aniversário de 26, celebrada junto a pessoas queridas no Corujão, na Cidade de Goiás (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Para mim, apoiar é o ato de pessoas que seguem juntas por escolha própria. São aquelas que respondem, acolhem, abrem as portas de suas casas e demonstram cuidado sem cobrar nada. Aprendi que ninguém nasce sabendo amar. O afeto ganha espaço nos encontros, nas parcerias e nas relações cultivadas com quem decide ficar.

Como arte-educadora, tenho testado novos jeitos de agir em sala de aula. Quando ocupo esse ambiente, sinto que a turma enxerga em mim a capacidade de trocar

conhecimentos. Isso dá mais força ao meu compromisso com a docência e com a seriedade dessa profissão. Tenho muito afeto por uma oficina de zines em que trabalhei na tenda do FICA, em 2024, no projeto Ciranda na Tenda. Essa atividade fazia parte do estágio II e, nela, atendi uma estudante surda que veio com uma amiga. A comunicação aconteceu no improviso: elas pela língua de sinais e eu com as poucas noções que tinha. No fim das contas, criamos os livretos juntas.

Guardo aquele dia com entusiasmo, porque, por um tempo, naquele dia, sumiram o cansaço, as pressões e a correria do curso, enquanto eu me dedicava inteiramente àquela oficina. Foi um daqueles episódios que me devolveram o sentido de querer sim trabalhar nas escolas e a vontade de não desistir da docência.

Figura 42 – Duas estudantes durante a produção de zines na Ciranda Viva do FICA



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Penso com frequência em professoras que tiveram um papel importante no meu passado, especialmente Lorena, minha professora de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio. Foi ela quem me ajudou a enfrentar parte da timidez e confiar mais naquilo que eu escrevia. Costumava tirar notas altas em suas atividades, só que as notas não foram o mais importante. O que nunca esqueci foi um bilhete onde ela escreveu: 'você é uma escritora fantástica'.

Ao projetar minhas aulas, miro em relações de confiança, escuta, humor e produção coletiva. O foco é abrir um ambiente para os alunos testarem ideias e expressarem quem são. Pretendo ser uma docente presente, que sabe acolher sem esquecer a seriedade do trabalho. Essa ideia alinha-se a Paulo Freire (1989), que defende a educação não como um ato unilateral, mas como uma parceria moldada na relação entre sujeitos que aprendem e ensinam juntos.

Um outro ponto que me parece interessante sublinhar, característico de uma visão crítica da educação, portanto da alfabetização, é o da necessidade que temos, educadoras e educadores, de viver, na prática, o reconhecimento óbvio de que nenhum de nós está só no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros.

Viver ou encarnar essa constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros – não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas do primeiro grau ou se membros de uma assembléia popular – o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca. Mas, como escutar implica falar também, ao dever de escutá-los corresponde o direito que igualmente temos de falar a eles. Escutá-los no sentido acima referido é, no fundo, falar com eles, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los. Dizer-lhes sempre a nossa palavra, sem jamais nos expormos e nos oferecermos a eles, arrogantemente convencidos de que estamos aqui para salvá-los, é uma boa maneira que temos de afirmar o nosso elitismo, sempre autoritário. Este não pode ser o modo de atuar de uma educadora ou de um educador cuja opção é libertadora (Freire, 1989, p. 9-10).

Essa leitura de Freire sustenta a minha ideia de que a docência depende da conversa e do respeito ao conhecimento gerado pelos estudantes em suas comunidades. Defendo que a instituição de ensino acolha o que cada jovem já traz no bolso. Todos entram em sala com referências, acervos e ferramentas próprias para avaliar as coisas

No futuro, projeto meus dias novamente em Fortaleza, no meio de livros, gatos, plantas, tintas, telas e novas artes. Tenho o plano de abrir meu ateliê, continuar pesquisando e fincar de vez no grafite, na dança, no teatro e no que o destino me apresentar. Quero levar Mufina de volta para o Ceará, espalhando minha produção pela terra, onde muita coisa começou.

Goiás deixa em mim a lembrança de uma fase decisiva. Consegui alcançar metas que antes pareciam distantes e enfrentei mudanças que abriram meus caminhos, sobre quem eu poderia me tornar. Talvez o maior ensinamento que levo seja ter aprendido a não desistir de mim.

Hoje, vejo que sigo em constante mudança. Continuo dividida entre salas de aula, tintas, oficinas, muros, palavras e afetos, reconhecendo quem sou a cada novo aprendizado. Se eu pudesse fechar este texto com uma cena de filme, seria comigo andando de bicicleta enquanto o dia cai e o céu muda de cor, ouvindo as aves e acompanhando a paisagem passar devagar.

2. texturas, atmosferas, gostos, silhuetas, semblantes, mulher.

“Danço com um todo, não existe mais tempo pra
sobra
Foco no meu eu, no meu plano, a minha grande
obra
Eu sou artista, eu sou arte, eu sou tudo
Sou resultado de algo, participante do mundo
Por isso não me iludo, não me isolo, participo
Eu sou o que eu nasci pra ser e não o que
aconteceu comigo”
(AJULLIACOSTA)

Figura 43 – Vulnerabilidades



Fonte: arte digital produzida pela autora (2023).

Vi na pré-adolescência que homens e mulheres eram tratados de formas desiguais na convivência social, em especial, dentro de casa. Sem alcançar o sentido real daquilo, estranhava ser sobrecarregada com a limpeza de casa enquanto meus irmãos, mais velhos que eu, ganhavam passe livre para fazer e sair na hora que quisessem. Desde cedo, assumi tarefas ligadas ao cuidado e à obrigação, enquanto eles eram vistos como naturalmente mais livres e independentes. Nesse mesmo encontro, bell hooks (2020, p. 25) afirma que “a diferença está apenas no fato de que os homens se beneficiaram mais do sexismo do que as mulheres e, como consequência, era menos provável que eles quisessem abrir mão dos privilégios do patriarcado.

Com os anos, vi que os homens recebiam validação social sem esforço, ao passo que as mulheres dependiam de provar o valor de suas falas, sentimentos e atos. O mesmo cenário se desenha no campo artístico. Na conjuntura atual, as esferas de visibilidade no mercado da arte – galerias, museus, editais e circuitos culturais – continuam sendo ocupados, majoritariamente, por homens. O grafite reflete esse abismo por se estruturar em um meio historicamente masculino, impondo às mulheres a tarefa diária de validar suas produções.

Entretanto, o problema nunca foi a falta de artistas mulheres, mas o silenciamento histórico de suas produções e de seus nomes. No entendimento de Linda Nochlin (2016, p. 8),

[...], na realidade, como todos sabemos, as coisas como estão e como estiveram, nas artes, bem como em centenas de outras áreas, são entediantes, opressivas e desestimulantes para todos aqueles que, como as mulheres, não tiveram a sorte de nascer brancos, preferencialmente classe média e acima de tudo homens. A culpa não está nos astros, em nossos hormônios, nos nossos ciclos menstruais ou em nosso vazio interior, mas sim em nossas instituições e em nossa educação, entendida como tudo o que acontece no momento que entramos nesse mundo cheio de significados, símbolos, signos e sinais.

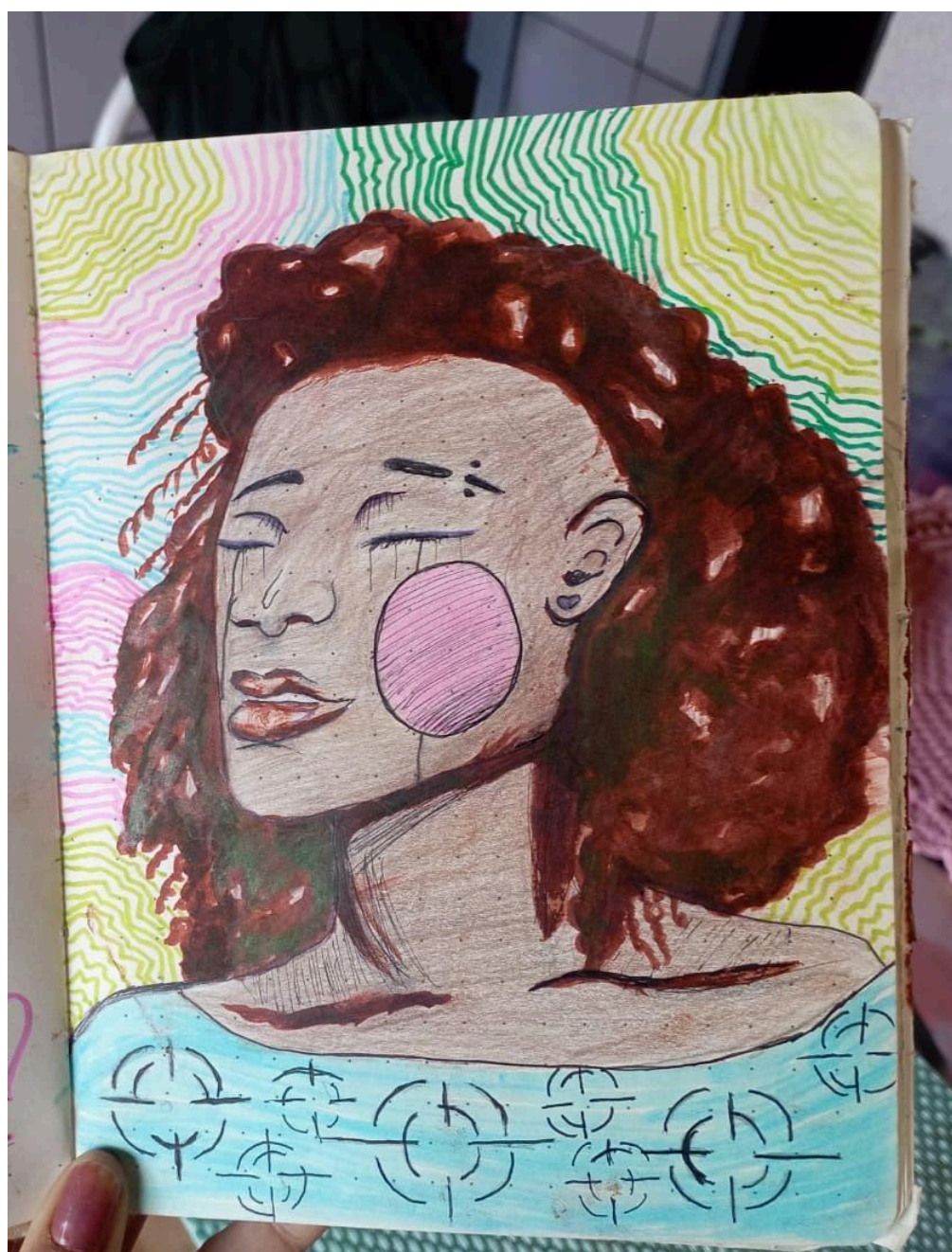
A teórica defende que esses abismos não nascem de distinções biológicas, mas sim de sistemas que dividem chances, reconhecimento e poder de modo injusto. Essas barreiras agem na rotina das famílias de forma invisível. As meninas crescem sob a cobrança de se fazerem menores, segurem seus desejos e desconfiarem do próprio talento. São moldadas para o zelo, a concessão e a harmonia forçada, enquanto os meninos recebem passe livre para a firmeza, a liberdade de escolha e a tomada de decisões.

Isso faz as mulheres buscarem aprovação a todo momento, como se dependessem de licença para ocupar os locais. Desatar esse nó, revela que as fraquezas particulares têm amarras sociais fortes. Elas nascem de como a nossa criação define onde e como cada uma deve estar.

Passei muito tempo com vergonha de expor meus trabalhos, sem saber como me impor e com o fantasma de não dar conta do recado – uma excessiva autocobrança. Até hoje, ao receber o título de artista, me pego minimizando meus trabalhos, quase como se dependesse de permissão para me aceitar assim.

2.1 em guerra com o mundo, pelo lugar que me pertence

Figura 44 – Ema



Fonte: desenho produzido pela autora em aquarela e canetas coloridas (2023).

Mufina transita entre a menina e a mulher. Ela carrega marcas da infância, da juventude passando por novos sentimentos, etapas e estilos de encarar a realidade. Sem se amarrar a rótulos prontos, ela muda, ganha corpo, se refaz e não para de se mover.

Figura 45 – Personagens para pintura mural, em Brasília (DF)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Figura 46 – Grafite em estilo bomb na Cidade de Goiás (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Figura 47 – Grafite em estilo bomb no IFG – Campus Cidade de Goiás



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Testei materiais e suportes diversos. Conectei desenho, aquarela, pintura, colagem, bordado e grafite. Recusei a busca por um padrão estático. Meu foco foi monitorar a repetição de certas imagens nas telas. Elas denunciavam minha ótica social.

Figura 48 – Pintura utilizando aquarela e experimentação têxtil



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

A pintura “Anatomia de um Corpo”, de 2025, ilustra bem essa repetição, reunindo aquarela, lápis de cor, cola e costura no papel. A imagem traz uma mulher recolhida, sentada e cercada por traços que ganham espaço na tela. Essa mulher centralizada na cena mostra-se recolhida, em uma atitude de silêncio e reparação. Os riscos do fundo avançam além da pele, costurando o lado emocional ao corpo exposto. Ao rever o trabalho, vi que ele inaugura um caminho criativo dedicado a traduzir dilemas da mente através de formas naturais e soltas.

Figura 49 – Primeira obra da série *O Caminho das Águas*, em tinta acrílica sobre tela



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Figura 50 – Segunda obra da série *O Caminho das Águas*, em tinta acrílica sobre tela



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Figura 51 – Terceira obra da série *O Caminho das Águas*, em tinta acrílica sobre tela



Fonte: Acervo pessoal da autora (2026).

Levei essa pesquisa para a série *O Caminho das Águas*, que criei em 2026 (Figuras 49, 50 e 51), usando tinta acrílica em três quadros. O líquido comanda os desenhos. A figura da mulher segue firme no papel, porém inundada por fluxos de água que preenchem quase todo o espaço pintado. O primeiro quadro exibe a Mufina de perfil com um leque e o pranto dela gera correntes que andam pela tela. A segunda pintura traz a mulher encarando o público, surgindo da água para abrir um diálogo franco com quem olha. No terceiro trabalho, o líquido inunda o cenário, cobre o corpo e se converte em cenário puro.

A observação do conjunto revela nexos com a produção anterior. A água ganha centralidade e estrutura os desenhos. As lágrimas mudam para rumos que guiam toda a cena

artística. Sinto que tento me aproximar do afrofuturismo¹; sobretudo, na criação das mulheres, nos penteados, tons e na centralidade feminina, foquei na tarefa de desenhar sentimentos.

Ao olhar para esses trabalhos juntos, noto a presença constante de traços que formam minha assinatura visual, especialmente as figuras de mulheres e os fluxos de água. Longe de símbolos engessados, esses pontos funcionam como ferramentas que me deixam investigar emoções e leituras sociais.

2.2 leas que lutam

Figura 52 – Mural IFG



Fonte: Mural produzido por Goiaba Crew (2025).

O grafite me aproxima da arte, porque a rua muda o tempo todo. As imagens que eu criava em cadernos passaram a ocupar muros e paredes da cidade. Com isso, meu trabalho sai para dialogar com pessoas que talvez eu nunca tenha visto. É nessa circulação que encontro o que mais me atrai na arte urbana: a chance de integrar o cotidiano alheio, mesmo que por breves segundos.

¹ Consiste em uma perspectiva estética e cultural que articula ancestralidade, tecnologia e imaginação para construir narrativas e futuros centrados nas experiências negras.

Figura 53 – Intervenção em grafite na Biboca, na Cidade de Goiás (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A arte urbana possui uma característica efêmera que me agrada bastante. Diferente de alguns ambientes institucionais, onde quase sempre existe uma cobrança estética e intelectual para traduzir a obra, na rua o contato com o desenho acontece de forma mais espontânea. As pessoas apenas observam, sentem, pensam ou apreciam, sem necessariamente buscar uma leitura imediata ou definitiva.

Figura 54 – Grafite em estilo bomb no Beco Quilombo Alto Santana, na Cidade de Goiás (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Pintar as paredes, sendo uma mulher, representa uma postura política, num território majoritariamente masculino. Nossa movimentação por esses locais carregam coragem sob os riscos de assédio, machismo estrutural e inúmeros obstáculos. Em concordância, Campos, Braida e Colchete Filho (2023, p. 9) nos apresentam um pouco da dura realidade.

A grafiteira vê a necessidade de unificar as ações de defesa às mulheres e expor as violências que são sofridas por elas dentro da cena do graffiti, por impactar diretamente na produção de mulheres grafiteiras, seus trabalhos e visibilidades. Kakaw ainda ressalta que essas violências podem parecer “pequenas e ignoráveis”, mas os impactos delas são irreversíveis e que é importante expor essas situações.

A arte urbana já foi muito associada à presença masculina. Por isso, essa dinâmica faz com que as mulheres enfrentem travas sociais para intervir e circular no movimento. Por isso, é importante resistir e ocupar! Campos, Braida e Colchete Filho (2023), ao analisarem discursos de mulheres grafiteiras sobre cidade e graffiti, demonstram que artistas urbanas buscam construir espaços de debate e transformação dentro da cena do grafite, especialmente em relação às questões de gênero.

Sobre isso, Jay relata que viu um vídeo de um grafiteiro no qual expõe que para você chegar em um lugar é pelo mérito e que a rua vai conhecer você no graffiti – dando a entender que apenas com muita experiência na rua fazendo graffiti se “chega lá”. Entretanto, Jay pontua que para uma mulher estar na rua há toda uma preparação, sendo essa do corpo feminino - mulher, sozinha, pintando na rua - que para isso acontecer as mulheres correm riscos diferentes: violências física e moral, assédios - já que, pela grafiteira estar de costas para a rua, alguém pode passar ali e tocar em você. Explica que isso já aconteceu com ela e com amigas dela também (Campos; Braida; Colchete Filho, 2023, p.11).

O debate teórico reforça que grafitar sendo mulher funciona como resposta a velhas discriminações sociais. As mulheres enfrentam a exclusão e a desvalorização de seu trabalho, sofrendo com cachês menores, agressões conservadoras e falta de reconhecimento, o que esvazia a representatividade feminina na rua. Essa dinâmica bate com as teses.

A grafiteira também fala sobre a participação feminina em eventos: mulheres não conseguem participar na mesma intensidade que os homens conseguem. Para isso usa o exemplo que em um evento que se inscrevem 30 homens e 30 mulheres, é capaz dos homens irem e apenas dez mulheres conseguirem ir por ter todas as demandas de casa, trabalho e filhos a serem cumpridas. Com isso, ela afirma que a realidade feminina é outra e, devido a todos esses percalços, não tem como mulheres se desenvolverem no graffiti na mesma rapidez que um homem, que possuem privilégios por serem homens (Campos; Braida; Colchete Filho, 2023, p. 9).

Mesmo com essa sobrecarga que tenta ditar o ritmo das artistas, as artes de rua de mulheres contestam a exclusão de gênero. Elas usam a pintura para marcar presença, as ilustrações viram pontos de debate, voz e afirmação feminina.

Figura 55 – Produção de mural da artista Junger Thai, com participação da autora como assistente na execução da obra



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Fica nítido que as mulheres seguem em desvantagem numérica no grafite por tradições patriarcais do próprio convívio artístico urbano. Esse abismo mostra-se no silenciamento e no bloqueio para acessar festivais, editais e convites. Na maioria das vezes, os homens indicam uns aos outros, fechando os canais de aceitação apenas entre eles.

Figura 56 – Produção de um mural no IFG – Campus Cidade de Goiás



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Esse cenário ficou nítido para mim quando integrei o mural coletivo “Mulheridades”. A comissão organizadora me chamou para o projeto, mas antes do convite oficial houve oposição ao meu nome. Houve quem defendesse o convite a um grafiteiro de fora, que sequer acompanhava o dia a dia local, apenas por ele ter maior reconhecimento público e mais anos na profissão. Faltou curiosidade para olhar minhas pinturas, minha assinatura visual ou o que eu poderia oferecer para a proposta.

Apesar disso, as mulheres da equipe defenderam o meu nome. Com certeza, elas conhecem os desafios de artistas mulheres e legitimaram minha assinatura visual como grafiteira. Esse episódio fez-me perceber, na prática, como o machismo institucional, muitas vezes, atua de forma sutil, quase imperceptível, reproduzindo lógicas de validação que privilegiam homens e dificultam a inserção de mulheres em determinados espaços artísticos. E que a sororidade ainda é poderosa, como diz a feminista bell hooks (2020, p. 35):

O pensamento feminista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas as outras. o pensamento feminista nos ajudou a desaprender o auto-ódio femino. [...] A ligação entre homens em grupos ficariam unidos, dariam apoio uns aos outros, seriam um time e colocariam o bem do grupo acima de ganhos e reconhecimento individuais. [...] Movimentos feministas criaram o contexto para mulheres se conectarem. Não nos juntamos para ficar contra os homens; juntamo-nos para proteger nossos interesses de mulher.

Figura 57 – Realização da oficina vinculada ao mural *Mulheridades*



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Felizmente, o impasse revelou a força do amparo mútuo entre mulheres. Outras mulheres pediram à organização para segurar minha vaga no projeto, dando-me a segurança que eu precisava para estar naquele lugar, garantindo um elegante desfecho vitorioso, para infelicidade e lágrimas do patriarcado. Reafirmo bell hooks (2020, p. 36) novamente, quando:

A solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado. É importante destacar que a sororidade jamais teria sido possível para além dos limites de raça e classe se mulheres individuais não estivessem dispostas a abrir mão de seu poder de dominação e exploração de grupos subordinados de mulheres.

Figura 58 – Preparação e realização da oficina vinculada ao mural *Mulheridades*



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

3. ô tia, fessora, pro, prof, fessora

“o som das araras no meio da tarde em seu caminho, são pra te lembrar o vermelho das cores, da aglomeração de carnaval, dos panos suados, dos possíveis caminhos que te levaram aos seus retornos triunfais”.

(Poema autoral)

Figura 59 – Seminário Estágio III



Fonte: fotografia da autora em apresentação (2025).

3.1 nada seria por acaso

Entrei nas Artes Visuais, na cidade de Goiás, após rupturas que chacoalharam meus planos. Estive em Fortaleza até 2019, ano da minha mudança para Goiânia. Pouco tempo depois, a pandemia estreitou completamente a rotina e planos de milhões de pessoas, inclusive a minha. Nesses meses de reclusão, comecei a lecionar. Atendi duas meninas da vizinhança, Yohana e Isis. Elas sofriam com a falta de aulas presenciais provocada pelo isolamento social. Dava suporte em português, matemática e geografia, deixando as tintas para o desfecho do dia. Nossa regra de convivência nunca falhava: os exercícios da escola vinham antes das brincadeiras com o desenho.

Tenho comigo, até hoje, um papelzinho escrito, com tanto afeto, por elas. Como minhas primeiras alunas, Yohana e Isis, que me fizeram notar, o quanto dar aulas me instigava e como eu podia nutrir vontade sobre o desempenho de separar e organizar conteúdos para elas.

Figura 60 – Eu, Yo e Isis em Goiânia (GO)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2021).

Figura 61 – Carta escrita por Yohana e Ísis



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Em agosto de 2021 cheguei à cidade de Goiás. O que me empurrou para cá foi a busca por mais verde, pelas cachoeiras e pelo sossego do cerrado. Desconhecia a dinâmica da região. No entanto, apesar disso, enxergava o potencial para se desenrolar. Queria criar rotinas novas, cortando amarras com o passado. Lembro de imagens muito nítidas daquela época, das ruas iluminadas pelos postes antigos, lançando uma luz amarelada sobre a cidade durante a noite, dos doces diferentes, os artesanatos das lojinhas, as pedras que quebraram muitas unhas

dos meus pés. Algumas vezes, eu saía de casa só para caminhar e observar aquela atmosfera que me parecia tão diferente de tudo o que eu conhecia até então.

Figura 62 – Eu na Praça do Coreto, na Cidade de Goiás (GO), durante o período da pandemia e nos primeiros meses de chegada à cidade



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Poucos meses depois, por indicação de pessoas que estudavam no IFG, descobri o curso de Artes Visuais. A verdade é que me inscrevi no vestibular sem conhecer nada da grade curricular ou do funcionamento do curso. Mas havia uma curiosidade muito grande e uma vontade sincera de voltar a estudar, que vinha, claro, com inseguranças. A prova consistia em produzir uma crônica sobre os direitos das pessoas com deficiência, pauta que eu já acompanhava com interesse.

Não considero que tenha escrito uma redação excepcional, porém quando o resultado saiu e vi meu nome entre as pessoas aprovadas senti uma felicidade enorme. Pela primeira vez, eu alcançava uma vaga na universidade pública, deixando para trás a frustração de uma reprovação antiga.

Lembro que, antes mesmo do início das aulas, enviei um e-mail para a professora Renata Falleti, tentando compreender melhor o funcionamento do campus e o trajeto para chegar até lá, confesso que estava perdida e com poucas informações. Hoje, a gente conversa sobre isso dando risada, mas na época o e-mail mostrava o meu pavor – e o de outros estudantes, acredito –, diante de um início de curso que parecia bem confuso.

O primeiro dia de aula foi em uma acolhida para os novos estudantes. Quando cheguei, apenas uma colega já estava ali: era Ana Beatriz. Ela dividiu comigo os semestres seguintes da graduação. Tratava-se da primeira estudante com deficiência da nossa turma. Mesmo com tantos desafios de acessibilidade, Ana foi a estudante mais sagaz que já encontrei e que continuou comigo ao longo de toda a graduação. Naquele dia de calourada, encontrei alunos antigos e egressos para escutar um pouco do balanço de suas experiências. Ainda tenho borboletas no estômago que senti naquele dia.

Quando as aulas começaram, carregava comigo muitas sensações. Eu era uma mulher nordestina em outro estado, distante da minha cidade, dos meus amigos e das referências que me acompanharam desde a infância. Minha timidez severa tornava a aproximação com a turma mais lenta. Em vários dias, fiquei isolada, observando tudo com cuidado enquanto tentava decifrar aquele novo local.

A fala denunciava minha identidade. Misturei expressões locais com o sotaque antigo. Mas minha voz preservou o sotaque de Fortaleza. Recorria a termos cearenses nas conversas. Ninguém captava a mensagem. Às vezes, minhas expressões causavam estranhamento na turma. Nesses pequenos episódios, notei a dimensão da mudança que eu enfrentei ao me ver longe de casa. Na minha cabeça, eu sentia que, para muitos ali, eu era vista apenas como a menina do Ceará.

Ainda consigo me ver entrando na sala de aula e correndo os olhos por tudo. Observava os colegas, as professoras, as tintas, os trabalhos espalhados pelas paredes e pensava: “é aqui que vou ficar nesse novo voo, construindo o meu próprio cantinho em Goiás”. Com minhas professoras, tive um misto de respeito e curiosidade, tentando decifrar mentalmente os passos que deram na carreira e as escolhas que sustentaram suas vidas na arte. Perguntava-me, silenciosamente, sobre as renúncias e as conquistas que as trouxeram até ali, enxergando na firmeza de cada uma delas um aprendizado para os meus próprios passos que

ainda pareciam tão tímidos. Eu nutro um encantamento real por aquelas figuras femininas que lideravam o curso com tanta propriedade, bagagem intelectual e acolhimento.

Para uma jovem que se sentia tímida e distante de casa, essas professoras faziam com que o campus e as semanas de aula deixassem de parecer um lugar difícil, e as noites de aula tornaram-se queridas. Lembro muito de Rose, que depois se mudou para outro câmpus, era cativante ver ela dar aula, com uma calma bonita que me fazia esquecer o medo. Quanto à Flora, destaca-se por sua solidez e genialidade. Ela costumava me dizer: “você tem a faca e o queijo na mão, faça”. Ela tem uma postura que acode e ensina a olhar o mundo com mais coragem. A convivência com ela extrapola os livros didáticos.

A professora Renata Falletti deu-me a mão nos vários momentos em que pensei em desistir de tudo. Desde aquele primeiro e-mail que enviei antes das aulas, com tantas dúvidas e medos, ela me ouviu com humanidade que me deu forças para continuar no curso, tendo a coragem de assumir minhas fraquezas e encontrar o meu próprio ritmo – dentro do que era possível.

Ainda tenho guardada a folha da primeira tarefa que entreguei no curso, bem na aula de Renata. Essa lembrança tem muito carinho, porque ela representa um dos primeiros momentos quando olhei para o lado e vi que não precisava mais ter medo daquele recomeço. Os corredores foram deixando de parecer desconhecidos, os colegas deixaram de ser estranhos e “a IFG” virou o meu segundo lar e uma nova família.

Figura 63 – Viagem técnica de estudos à Brasília

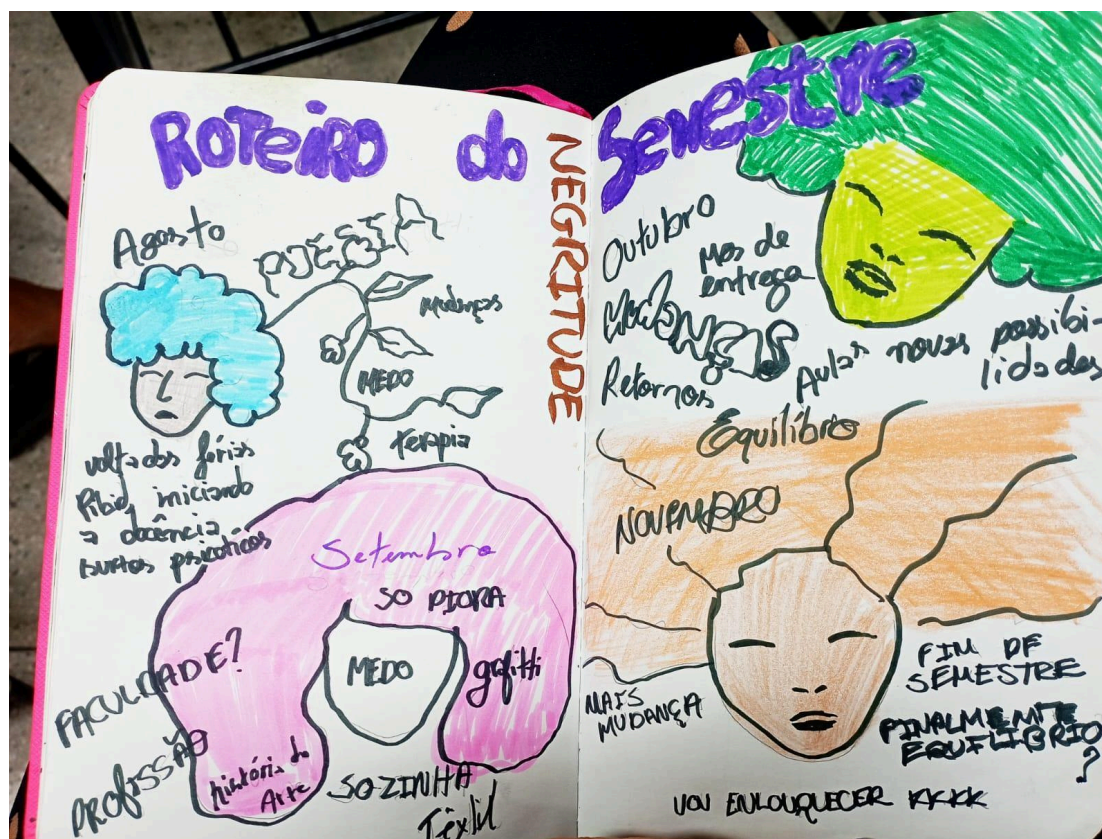


Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Nos primeiros semestres, tirei o peso das incertezas e comecei a planejar meus dias de estudo. Como eu já gostava de estudar literatura e outras matérias no Ensino Médio, comecei a admirar de verdade o trabalho docente, ainda naquela época, desejava entender a beleza de educar e foi, no ambiente acadêmico, que essa meta ganhou vida. Consegui constatar que arte e docência andam lado a lado, mas provava que estar com e em coletivo é um ato criativo – feito de trocas e de parcerias de verdade. Pensando em tudo o que vivi, entendo que a faculdade não apenas me deu conhecimentos contestados em diploma. Ela me ensinou a escutar o mundo, entender melhor as pessoas e me aceitar como sou.

3.2 uma nova casa, um jardim internamente inédito

Figura 64 – Roteiro de Semestre



Fonte: caderno de desenhos da autora, arte produzida com canetas coloridas (2023)

Realizei um tanto de matérias na faculdade, mas algumas aulas deixaram uma saudade boa e ensinamentos que não esqueço. Contudo das lembranças boas vem as aulas de Desenho da Naira. Eu já tinha prática com os traços, só que ali passei a me dedicar à técnica de observação. Ainda me vejo concentrada nos objetos da sala, focando na paciência para conseguir observar cada detalhe e trazer para o papel. O traço exige o treino dos olhos – aprendi a focar nas miudezas.

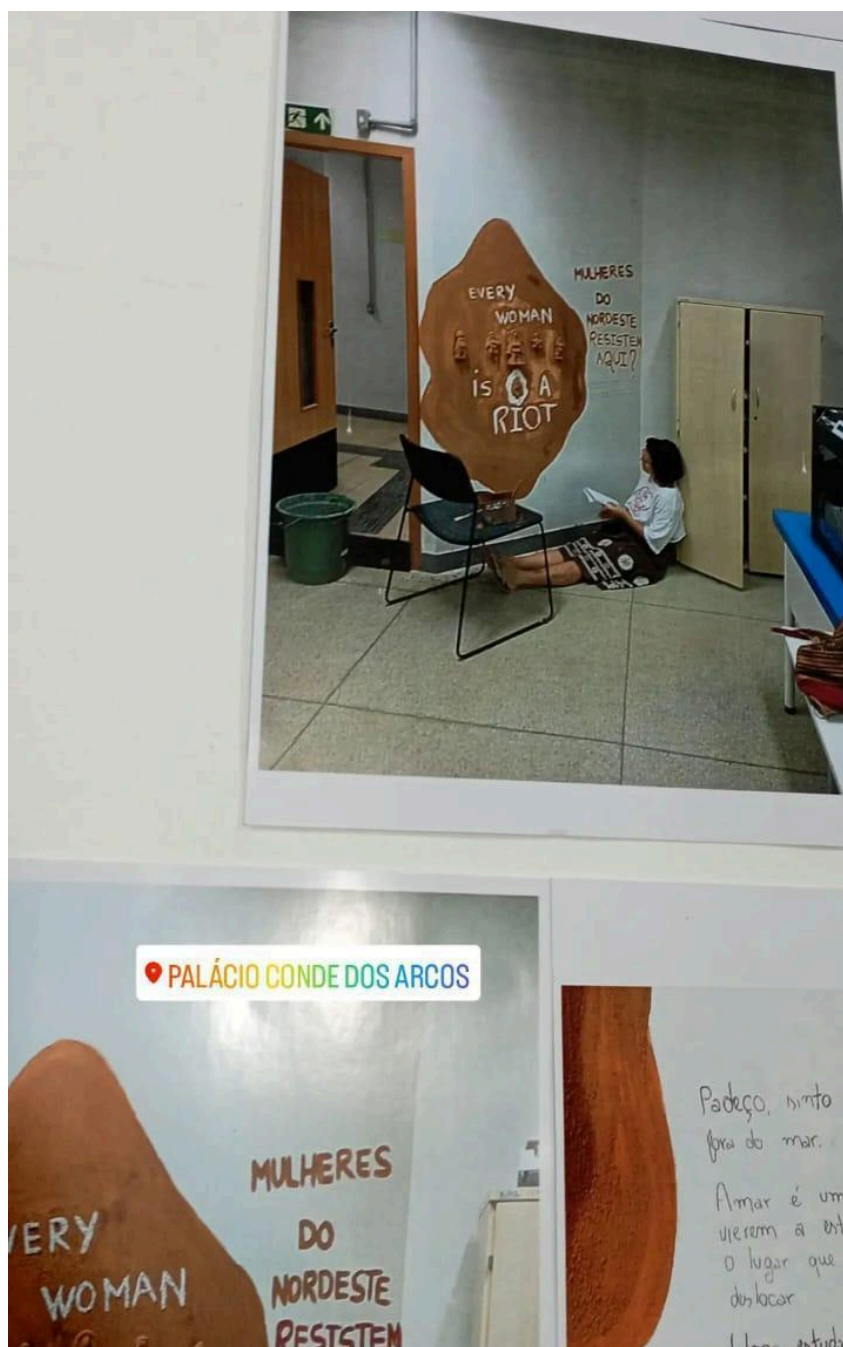
Figura 65 – Atividade de observação de objetos desenvolvida na disciplina de Desenho



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

A escultura trouxe um aprendizado prático forte. A melhor lembrança vem das aulas de Flora. Nosso desafio final foi montar uma obra coletiva, combinando as peças feitas pela sala inteira. Para essa obra, criei um arranjo na parede usando referências do universo feminino. Foi o meu jeito de colocar para fora dores silenciosas daquela época. A presença das peças no ateliê deu-me forças. E foi ótimo ver nosso trabalho sendo exposto no FICA de 2023.

Figura 66 – Trabalho de escultura



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Eu gostava do refúgio que os ateliês me davam. São salas encantadas, com cheiro e essência. O silêncio da concentração misturava-se com o barulho dos pincéis na água e com as risadas dos meus colegas, enquanto ouvia música, criando um ambiente tão doce que o campus parecia a minha casa – um lugar seguro.

Gostei muito de uma prática em PCC de Desenho focado em modelo vivo. Ver os amigos de sala virando pose para o nosso traço quebrou o gelo da turma e me ensinou a desenhar o corpo com mais liberdade. Coloco a disciplina de Quadrinhos entre as minhas

preferidas. Juntar imagem e textos me dá o canal ideal para colocar ideias em sequência no papel. Durante as aulas, conhecemos artistas de quadrinhos, produzimos muito, debatemos sobre diferentes obras e assistimos ao filme *Persépolis*, baseada na autobiografia da cineasta franco-iraniana Marjane Satrapi. A animação narra a história de uma mulher imigrante, usando um estilo de desenho muito próprio. Ver os medos e os recomeços da protagonista na tela, abraçou-me de um jeito tão sincero que senti uma ligação imediata com ela.

Figura 67 – Aula de História em Quadrinhos

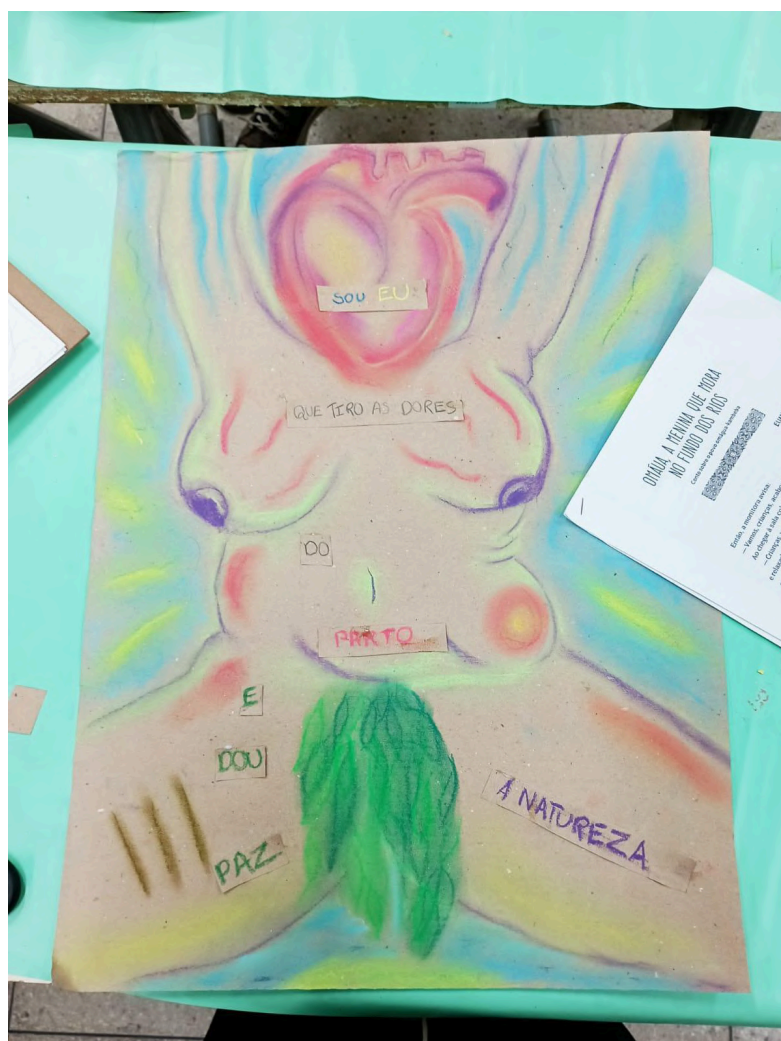


Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Deixei o meu trabalho correr livre em direção às poéticas. Notei que não precisava separar o traço da escrita, porque os dois combinavam bem na mesma folha. Um exemplo foi o dia em que fiz uma atividade lapidada na disciplina Literatura e Linguagens Artísticas, ministrada pela professora Fabiana Lula. O contato com os livros e poemas daquelas mulheres

indígenas mudou o rumo das minhas criações no ateliê. Senti uma vontade bonita de responder à altura do que li, fazendo trabalhos que costuravam o meu traço com versos dos textos. Foi ali que percebi algo que trago no meu trabalho até hoje: figuras femininas e pedaços da natureza aparecem sempre nos meus esboços e desenhos.

Figura 68 – Atividade de artes



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Figura 69 – Mural



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Ao rever quem eu era em 2022, encontro uma jovem cheia de rabiscos e versos, mas que guardava a criação só para si. As aulas me tiraram daquela mania de criar trancada no meu canto. Entendi que dar aula e fazer arte dependem de parceria, e que meu olhar mudava para melhor quando eu parava para escutar o que os outros tinham para me dizer. Tive a companhia de colegas de turma criativos que somaram no meu aprendizado e me mostraram novos talentos.

3.3 caminhos para andar

Figura 70 – Eudaimonia e cansaço



Fonte: autora pintando o quarto em Fortaleza (2019)

Minhas primeiras tentativas de dar aula aconteceram no meio daquela confusão da pandemia, mas foi só depois de entrar na faculdade que o jogo mudou, e eu pude sentir o frio na barriga de estar na frente de uma turma de verdade. Cresceu em mim a certeza de que a educação faria parte do meu futuro. Descobri que ser professora é o avesso do resguardo; é abrir as portas da sala todos os dias para inventar caminhos novos ao lado de quem também sonha.

A Ana Rita fez uma dinâmica bem diferente na aula de Pintura: cada um de nós teve que preparar e dar uma aula para o resto da sala. Receber essa tarefa deu-me um ânimo bom. Senti que era a hora perfeita para usar com a turma as coisas que eu já andava pesquisando e criando. Naqueles meses, eu tentava unir letras e traços e ver o nexo entre as duas coisas ao rabiscar. Esse foi o motivo para eu escolher os zines

A escolha foi bem simples. O zine combinava direitinho com o que eu já fazia com o desenho, os poemas e as histórias ilustradas. Eu achava ótimo o jeito livre do fanzine e como ele permitia misturar as frases e as ilustrações no papel. Também me puxava a atenção o peso político e artístico desse formato na aula. Estudei bastante o passado dos zines e fanzines, buscando de onde vieram, para que serviam e como chegaram ao Brasil. Com o tempo, vi que o zine é bem mais do que um livrinho feito à mão; ele é um jeito forte de inventar, espalhar o que pensa e contar histórias.

Com tudo isso em mãos, montei uns slides no computador para mostrar ao grupo. Eu queria contar a história desses folhetos e, depois, pedir que cada um fizesse o seu próprio livrinho. Fiquei catando imagens bonitas, testando dobras diferentes nas folhas e me organizei com todo o cuidado para aquela noite. Havia entusiasmo e nervosismo. Minha estreia naquele modelo de aula seria avaliada. Eu tinha medo de que minhas palavras falhassem na hora de contar a história dos zines, só queria que o pessoal entendesse que zine serve para fazer o pensamento circular. A aula começou e fluiu super bem. Vi que estudar tinha valido a pena. O pessoal abraçou a ideia. A cada minuto, eu ficava mais à vontade.

Figura 71 – Atividades de zine



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

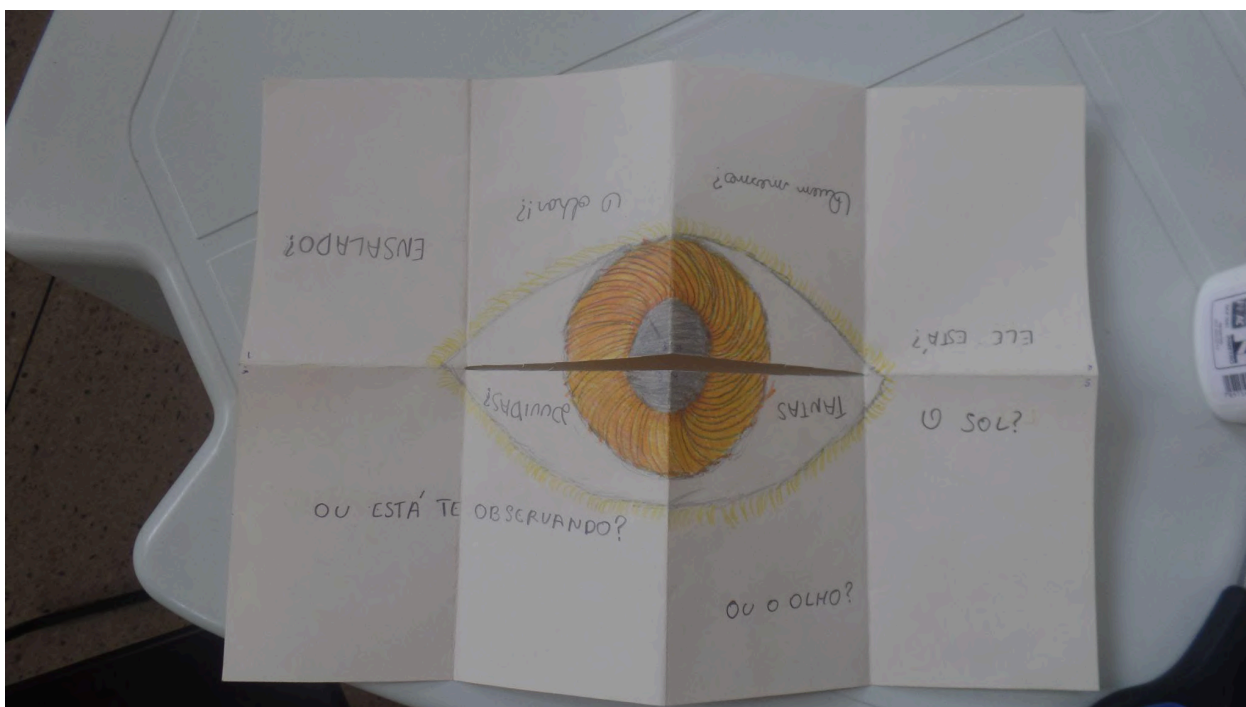
Uma das coisas mais bonitas foi olhar o que eles criaram. Dava para ver um pedacinho de cada um ali nos papéis. Fiquei emocionada ao ver como uma única ideia ganhou formas

tão diferentes. Como eu já conhecia um pouco de cada colega, ver os zines juntos me fez admirar ainda mais o jeito de cada um ser e criar. Deu tudo tão certo que passei a levar os zines para outros trabalhos e espaços na faculdade. O que começou apenas como uma nota para passar de ano, virou uma ferramenta que me acompanhou em várias oficinas e projetos depois dali. O zine virou minha base por unir desenho, escrita, memória, imaginação e identidade.

Lembrar de tudo isso me faz voltar aos dias em que ouvi "professora" pela primeira vez. Isso aconteceu na pandemia, enquanto eu cuidava dos estudos da Yohana e da Isis. Escutar "professora" trazia-me um misto de sensações. Dava um orgulho bonito, mas vinha junto um estranhamento e a certeza de que eu tinha uma missão grande. Eu ainda achava estranho me ver nessa posição, todavia foi quando comecei a enxergar como o trabalho de ensinar é bonito e sério ao mesmo tempo. Percebo que aqueles primeiros passos com o ato de ensinar me transformaram na professora que sou. A professora que eu planejo ser nascia entre desenhos, zines, conversas e tentativas.

3.4 quando parei de olhar o relógio e passei a olhar rostos

Figura 72 – Zine de um estudante



Fonte: zine produzido por estudante, no contexto de oficina (2024).

Os estágios supervisionados foram os momentos que mais me ajudaram a entender a sala de aula. O estágio transformou os anos de estudo e teorias em rostos, nomes e trocas reais. As disciplinas me ensinaram a planejar, mas a rotina com os alunos ensinou-me a lidar com o que acontece de verdade numa escola. Minha estreia no estágio aconteceu no Alcide Jubé. Entrei observando o comportamento dos alunos e a correria dos professores para entender a engrenagem da escola. Eu mudei de cidade e de realidade para fazer faculdade. Sair do meu papel de aluna de uma vida inteira e começar a olhar as turmas pensando em ensinar foi um passo enorme.

Figura 73 – Fotos da escola Alcide Jubé



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Figura 74 – Atividades de zine



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A Escola Odé Kayodê foi meu segundo estágio e me fez repensar tudo o que eu achava saber sobre crianças, arte e ancestralidade. O jeito de ensinar da escola trazia a cultura afro-brasileira em cada detalhe da rotina, mostrando para as crianças o valor e a beleza que existem nas nossas diferenças. De tanto olhar aquela rotina, entendi que a arte funcionava como uma conversa sem palavras que unia os estudantes e dava base para que crescessem de um jeito seguro.

Figura 75 – Fotos dos estudantes Odé Kayodê



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Uma das coisas mais bonitas dessa fase foi notar o ritmo particular de cada aluno. Havia crianças que vinham correndo na minha direção no primeiro minuto, cheias de dúvidas e querendo bater papo. Havia estudantes que preferiam o silêncio, avaliando quem éramos antes de se aproximar. Essa fase ensinou-me que o trabalho na escola depende muito de saber ouvir e respeitar o tempo individual de cada um.

O Estágio III mexeu comigo de um jeito bem mais profundo. Entrei no Projeto Fórum Infantil II e fui dar oficinas de arte urbana em escolas públicas rurais e urbanas aqui na Cidade

de Goiás. A diferença é que a fase de só ficar olhando sentada na cadeira tinha ficado para trás. Eu estava com a mão na massa, conversando de verdade com os alunos, tirando as dúvidas deles e inventando cada detalhe juntos.

Nossos encontros giravam em torno de debates sobre Cerrado, povos originários, proteção da água, dos bichos e do meio ambiente. Eu dividia os dias com o Daniel Abreu, o Gabriel Mota e a Luana Rodrigues, e nós íamos de colégio em colégio para pintar paredes juntos e cobrir os muros com a criatividade dos alunos. Os espaços mudavam de uma comunidade para outra, mas a curiosidade dos estudantes e a alegria deles em cobrir as paredes de tinta eram as mesmas em qualquer lugar.

O melhor momento do dia era ver a recepção das turmas, todo mundo doido para começar o trabalho. Muita gente nunca tinha tido a chance de pintar um muro e aquela era a primeira vez na vida que faziam uma obra de arte daquele tamanho. Era lindo ver todo mundo se espalhando pelo pátio, passando os pincéis de mão em mão, ajudando os amigos e parando para olhar o desenho ficando pronto de hora em hora. Era comum ver as crianças mostrando os detalhes do muro e falando bem alto que aquele desenho tinha sido feito por elas.

Esse orgulho deu-me a certeza de que a arte ensina os estudantes a cuidarem melhor do espaço de aprendizado e a se sentirem realmente em casa enquanto estão estudando. Nos estágios, vi que os alunos também formam quem ensina. A docência não é um caminho de uma via só: enquanto eu ensinava, também aprendia

Figura 76 – Fotos dos estudantes Cora Coralina



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Figura 77 – Fotos dos estudantes Cora Coralina



Fonte: Acervo pessoal da autora (2025).

Perdi as contas de quantas vezes ouvi: “eu não sei desenhar, tia”, fui reparando que eles sabiam sim, mas travavam por medo do julgamento ou porque achavam que desenhar bem é apenas saber fazer traços realistas e certinhos. Eu respondia na mesma hora que quem desenha um boneco de palito já sabe desenhar, e que o segredo era não desistir. Vi muitos amassarem o papel e recomençar do zero várias vezes; eu sempre incentivava essa teimosia, trazendo canetas diferentes, tintas novas e outros jeitos de inventar. Com o tempo, percebi que quando a turma sentia que podia errar à vontade, os desenhos saíam muito mais bonitos, soltos e cheios de verdade.

Muitas vezes, olhando para os estudantes, eu via a menina cheia de medos e sonhos que eu mesma costumava ser. Esse processo ajudou-me a entender melhor os bloqueios das turmas, permitindo que eu agisse com mais paciência e mudasse as aulas para ajudar quem tinha dificuldades.

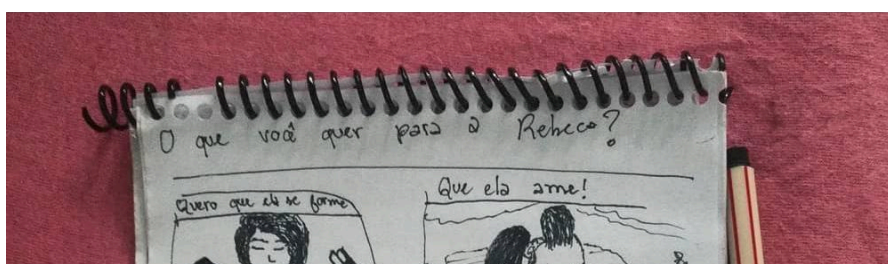
Foi nessa época que entendi uma grande verdade: nenhuma aula segue direitinho o que a gente escreve no papel. Os planos mudam o tempo todo, porque a gente lida com sentimentos, com imprevistos simples, com o cansaço deles e com novidades que surgem do nada no meio da explicação. Aprendi a não sofrer quando as coisas saíam do controle, entendendo com carinho que ser professora é reaprender o próprio trabalho a cada nova manhã.

O Estágio IV foi o ponto final de toda essa jornada na faculdade e, junto com a despedida, trouxe o começo de uma fase nova. Trabalhei no IFG com o projeto Arte Urbana para uma Educação Antirracista, desenvolvendo atividades que tratavam do orgulho racial, das nossas origens e das relações étnico-raciais. Dei aulas para as turmas do Ensino Médio Técnico e a gente usava o grafite para analisar o contexto social, discutindo soluções para termos uma convivência mais digna e igualitária.

O objetivo era mediar as conversas para que o aprendizado surgisse da troca entre os próprios estudantes. Os estágios trouxeram-me ensinamentos que superaram os manuais; aprendi a observar os detalhes, a respeitar o passado de cada aluno e a focar na construção de laços cotidianos.

3.5 uma deusa, uma louca, uma professora

Figura 78 – Quadrinhos feitos por mim, em 2019



Fonte:quadrinhos produzidos pela autora (2020)

Sou a Rebeca, uma mulher que amadureceu muito nesse tempo, aprendendo a criar junto, a confiar mais em si mesma e a permitir que a sensibilidade conduzisse escolhas. Levo de Goiás muito mais do que um diploma. Levo a calma das caminhadas sem destino pelas ruas da cidade, os podcasts escutados no caminho para casa, as tardes de sol, os ipês floridos na primavera, os encontros inesperados, as senhorinhas que dão bom dia e a sensação rara de conseguir estar sozinha sem me sentir só, levo também a sensação boa de estar preparada para sala de aula, mesmo insegura.

Levo também meus tropeços. Houve momentos em que minha saúde mental esteve fragilizada, períodos em que pensei em desistir do curso e talvez de muitas outras coisas. Entendo que também aprendi no fundo do poço. Aprendi que ninguém poderia me resgatar além de mim mesma e que os recomeços possuem uma beleza própria.

Foi aqui que aprendi a ocupar os espaços sem tanto medo do julgamento. Aprendi a atravessar multidões dançando, a sobreviver nos lugares, a me expor ao mundo e a descobrir que o movimento também abre caminhos. Aprendi a reconhecer minha própria beleza, não apenas na aparência, mas nas amizades, nos afetos, no que produzi e nas relações que ergui. A mulher que sai deste curso é muito mais corajosa do que aquela que entrou, mas continua carregando algo de criança: ainda chora, sorri, se encanta e dança.

Agora sigo em direção a Fortaleza. A partida é dolorosa, porque me acostumei com esta cidade e com tudo o que ela me ofereceu. Vou sentir falta das ladeiras, das crianças saindo da escola, do Cine Teatro, da Carioca, dos cogumelos na praça, dos eventos em que ninguém dança, da cachaça de mutamba, das pedras que entortaram minhas unhas, do sol se pondo mais tarde e das pessoas que viraram meu lar.

Ainda existem indagações que não consegui resolver, porém aprendi que nem tudo precisa ser resolvido para que a vida continue acontecendo. A maior metamorfose que levo comigo talvez seja o entendimento de que sou muito mais do que aquilo que vivi. Sou muito mais do que as ausências, as dores e os acontecimentos que tentaram me delimitar. Entendi que sou aquilo que escolho cultivar, aquilo que construo e aquilo que sonho. Mereço viver coisas bonitas. Mereço ocupar novos lugares. Mereço continuar tentando.

Por isso, mesmo com lágrimas nas mãos e o coração apertado pela despedida, sigo. Assim como um dia cheguei a Goiás sem saber exatamente o que encontraria, parto agora acreditando que outros caminhos também me aguardam. E, onde quer que eu esteja, continuarei escolhendo a arte, a educação e os afetos como formas de continuar viva. Tenho a sensação de que o extraordinário ainda está por vir.

Também me parece impossível encerrar este texto sem mencionar o momento que o curso de Artes Visuais transita. Enquanto concluo esta graduação, acompanho com preocupação as discussões relacionadas à possível suspensão de novos ingressos e às incertezas sobre o futuro desse curso. Sou totalmente contrária a medidas que fragilizam ou interrompam a continuidade de qualificações como esta. Minha própria história demonstra o quanto a existência de um curso de Artes Visuais em uma instituição pública pode abrir novas perspectivas e criar oportunidades para pessoas que, muitas vezes, não tiveram acesso a diferentes espaços culturais e educacionais ao longo da vida.

Quando olho para trás, vejo muito mais do que disciplinas cursadas. Vejo murais, oficinas, festivais, trocas sinceras, amizades, professoras que acreditaram em mim, conversas que mudaram meus rumos e práticas que contribuíram para que eu me tornasse a mulher, artista e educadora que sou hoje.

Por isso, me entristece imaginar que outras pessoas possam ter seu acesso reduzido a um espaço tão importante. Espero que as próximas gerações também encontrem nas Artes Visuais um lugar de criação, pensamento crítico, encontro e inclusão. Afinal, se hoje escrevo estas páginas, é porque um dia alguém acreditou que este curso deveria existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma carta a Rebeca do futuro,

Espero que quando você reler estas palavras daqui a dez anos esteja em uma casa bonita. Não bonita, porque é grande ou perfeita, mas porque é sua. Espero que esteja cercada pelas suas artes, pelos seus livros, pelo mar, pelas suas plantas e por todas as coisas que fazem sentido para você. Espero que tenha conseguido voltar para Fortaleza e realizar o sonho de estudar dança, e de estudar e estudar. Espero que esteja dando aula, fazendo pesquisa, inventando projetos e continuando a acreditar na educação.

Espero que a Lune ainda esteja aí. Talvez mais velha, talvez mais preguiçosa, mas ainda ocupando os lugares da casa como se fosse dona de tudo. Também espero que a Mufina tenha encontrado muitos muros. Que ela esteja espalhada pela cidade, pelas paredes, pelos cadernos e pelos lugares onde você decidiu deixar um pouco de si.

Rebeca, não perca sua expressividade. Não perca esse jeito meio enfadonho, meio intenso, meio sonhador de existir. Às vezes, ele irrita algumas pessoas, mas também faz muita gente sorrir.

Quero que você continue lembrando dos cheiros de Goiás. Do cheiro das flores na rua atrás do Café Jasmim. Do Rio Vermelho, que para mim não tem cheiro de rio, tem cheiro de saudade. Do banho gelado nas águas, de nadar de costas olhando o céu e esquecer do mundo por alguns minutos. Não esqueça do bar da Lu quando é noite de flashback, dos FICAs, do bafo dos cachorros que você gosta, Topinha, Loki, Tia Milica., dos muros do IFG, da sensação boa de conversar com os colegas despretensiosamente, como se tivéssemos um monte de problemas a resolver. Não esqueça do cheiro da casa onde você aprendeu a gostar da própria companhia. A casa onde, por um tempo, existiram apenas você, a Lune e o silêncio.

Também não esqueça dos sons. Dos eletrofunks, dos sertanejos duvidosos, da brisa batendo no rosto durante as caminhadas noturnas pela Beira Rio. Não esqueça da sensação de estar presente. Porque foi aqui que você aprendeu isso.

Quero agradecer à Rebeca que escreve esta carta. Obrigada por continuar. Obrigada por todas as vezes que você insistiu sem saber onde iria dar. Obrigada por não desistir de ser um corpo livre no mundo. Obrigada pelas vontades, pelos amores exagerados, pela ingenuidade, pelas teimosias e pelas vezes em que decidiu cuidar de si mesma. Saiba que este era apenas o começo.

Hoje, aos vinte e seis anos, a decisão mais difícil parece ser partir. Existe amor demais

pelo que construí nesta cidade. Existe apego. Existe medo. Mas existe também uma estrada chamando. Você está indo, porque acredita que ainda há outras vidas para viver, outras danças para aprender e outros céus para conhecer. Espero que você tenha aprendido que amar não é se perder de si. Que o amor precisa de liberdade, de individualidade, de compaixão e movimento. Assim como se atravessa uma multidão dançando, talvez também só seja possível amar em movimento — aprendizados que aprendemos com boas amizades. Espero que você continue dançando. Em qualquer lugar. Em qualquer idade. Que continue escutando o corpo e respeitando aquilo que ele pede.

Talvez o maior sonho ainda seja o mesmo: oferecer mais conforto para você e para sua mãe. Espero que tenham conseguido.

Se eu pudesse deixar um conselho, seria simples: todo corpo precisa de água. Seja suor. Seja rio. Seja mar. Sejam lágrimas.

E para aquela menina de nove anos, que ainda não fazia ideia de tudo o que viria depois, eu deixo apenas isto:

Você ainda vai ser muito feliz.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Fernanda de Façanha e; BRAIDA, Frederico; COLCHETE FILHO, Antonio. *Corpo feminino e o graffiti: mulheres grafiteiras e as manifestações em publicações no Instagram*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: Intercom, 2023.

EVARISTO, Conceição. *A escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Organização de Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 2011.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Luiza Libânio. 13. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MEDINA, Michele. A presença das mulheres artistas: indagações históricas e curatoriais. *NAVA – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens*, Juiz de Fora, v. 9, n. 2, p. 46-57, jul. 2024.

NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* São Paulo: Edições Aurora, 2016.

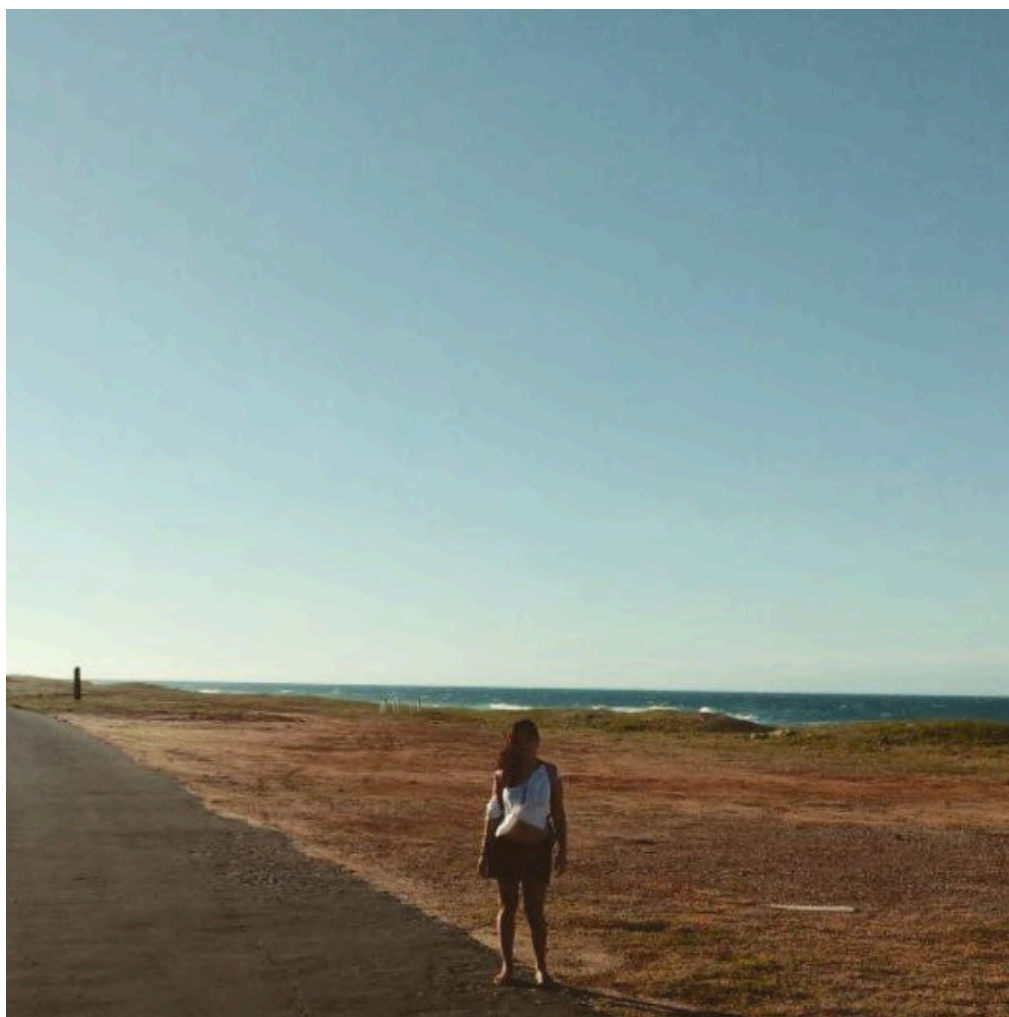
SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Registros fotográficos complementares da infância e adolescência











APÊNDICE B – Produções artísticas da autora





APÊNDICE C – Registros das práticas de arte-educação









